



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Priscilla Gusmão P. Pereira

**Sistema de troca no consumo de moda:** Um estudo sobre o descarte e a circulação de roupas usadas em Florianópolis.

Florianópolis

2023

Priscilla Gusmão P. Pereira

**Sistema de troca no consumo de moda:** Um estudo sobre o descarte e a circulação de roupas usadas em Florianópolis.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Antropologia do Centro de Filosofias e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Antropologia

Orientador(a): Prof. Dr.Rafael Victorino Devos

Florianópolis  
2023

Gusmão P. Pereira , Priscilla

Sistema de troca no consumo de moda: :Um estudo sobre o descarte e a circulação de roupas usadas em Florianópolis. / Priscilla Gusmão P. Pereira ;orientador, Rafael Victorino Devos, 2023.

76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Brechó. 3. Roupas usadas. 4. Antropologia do Objeto . 5. Descarte. I. Devos, Rafael Victorino . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Priscilla Gusmão P. Pereira

**Sistema de troca no consumo de moda:** Um estudo sobre o descarte e a circulação de roupas usadas em Florianópolis.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso Antropologia.

Local Florianópolis, 19 de dezembro de 2023.

---

Prof<sup>a</sup>. Alexandra Eliza Vieira Alencar, Dr<sup>a</sup>.  
Coordenadora do Curso

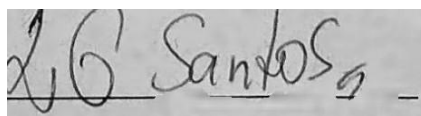
**Banca examinadora**

---

Prof. Rafael V. Devos, Dr.  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Viviane Vedana, Dr.(a)  
Instituição UFSC



---

Prof.(a) Lino Gabriel dos Santos, Ma.(a)  
Instituição (PPGAS UFSC/ IFSC)

Florianópolis, 2023.

Dedico este trabalho a minha avó Selmira Alves Pereira e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Inácio e Elizete que me guiaram e ensinaram sempre perseverar nos meus sonhos. Ao meu irmão, Gabriel, que me inspira a ser uma pessoa determinada como ele e minha cunhada Iasmim. Aos meus ancestrais que me permitiram existir para viver esse momento. Amo vocês.

Agradeço também aos meus amigos, amigas e amigues que estiveram ao meu lado nos últimos anos, em especial ao Alysson meu irmão de alma que sempre esteve ao meu lado nos últimos treze anos compartilhando a vida. Ao grupo Avenida Brasil, composto pela Livia, Ann e Vitória pelas trocas, conselhos e abraços. A minha amiga Atina que o NIGS me trouxe. A Ana, Iago e Jaques que entraram na minha vida nesse último ano, que foram escuta e incentivo. A minha Psicóloga Micheline que me ajudou a passar por todos os momentos em que achei que não conseguiria. Obrigada por serem meu apoio emocional neste período de pesquisa e escrita. Vocês foram importantes para que não desistisse no meio do caminho. Levarei vocês no meu coração para todo o sempre. Amo vocês.

Também agradeço aos colegas que conheci neste último ano de graduação, sempre lembrarei das nossas conversas no CA da Antropologia.

Agradeço também ao meu orientador, Rafael Devos pelos comentários e ajuda para enxergar o meu trabalho com outros olhos. As minhas professoras Miriam Grossi que me orientou nos últimos anos me ensinando o ofício de ser uma boa pesquisadora e o amor pela Antropologia, a Alexandra Alencar que me ensinou com sua luz que a vida é um salto de fé e que devemos nos deixar afetar por ela, a Carmen Rial que me orientou no início dessa jornada quando decidi pesquisar roupas, agradeço também ao João da secretária do curso, pelas orientações com relação ao currículo e todas as outras dúvidas com relação à graduação. E meus agradecimentos se estendem a todo o corpo docente que esteve presente na minha formação como antropóloga nesta Universidade.

Agradeço a todas as pessoas que encontrei e conversei durante esta pesquisa, sem vocês ela não existiria. Obrigada pelas trocas.

“Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar” (Krenak, 2019, p.28)



## RESUMO

A presente pesquisa etnográfica analisa práticas de troca da *roupa usada*, a partir de uma perspectiva de uma economia circular dos objetos e também do consumo, utilizando do conceito de alienação e tradução, no qual as coisas seriam arrancadas dos seus contextos de vida e acabariam se tornando objetos de troca (Anna Tsing, 2022). Apresento práticas de tradução dessas roupas em dádiva e mercadoria, no mercado de brechós da cidade, através de sua circulação, observando e descrevendo, o processo de descarte, doação e comércio em Florianópolis, como esse objeto que ora tem uma história acumulada (Appadurai, 2009) e em outro momento é descartado como “apenas” um objeto. A questão que busquei entender foi “Como uma roupa usada cria ramificações entre sujeitos(es) numa cidade?” Analiso a relação entre a roupa que se usa e a roupa que se descarta, isto é, como funciona a economia circular dessas peças e como essas interligações tem capacidade de recriar um sistema circular de troca com suas subjetividades e nuances. A pesquisa se estruturou por meio do uso de uma observação participante fazendo parte da cadeia de troca doando roupas, ganhando ou comprando nos locais pesquisados, entrevistas semi estruturadas, e também o uso dos diários de campo, realizando uma análise das cadeias de descarte apresentadas pelo campo. Para informações sobre o resumo expandido consulte <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197458>.

**Palavras-chave:** Roupas usadas; Brechó; antropologia dos objetos.

## ABSTRACT

This ethnographic research analyzes practices of exchanging used clothing, from the perspective of a circular economy of objects and also consumption, using the concept of alienation and translation, in which things would be ripped from their life contexts and end up becoming exchange objects (Anna Tsing, 2022). I present practices of translating these clothes into gifts and merchandise in the city's thrift store market through their circulation, observing and describing the process of disposal, donation and trade in Florianópolis, as this object that now has an accumulated history (Appadurai, 2009) and at another point it is discarded as “just” an object. The question I sought to understand was “How does used clothing create ramifications between subject(s) in a city?”. I analyze the relationship between the clothes that are used and the clothes that are discarded, that is, how the circular economy of these pieces works and how these interconnections have the capacity to recreate a circular system of exchange with its subjectivities and nuances. The research was structured through the use of participant observation as part of the exchange chain by donating clothes, earning or buying in the researched locations, semi-structured interviews, and also the use of field diaries carrying out an analysis of the disposal chains presented by the field.

**Keywords:** used clothing; thrift store; anthropology of objects.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Mapa de La plata, Buenos Aires - Argentina	19
Figura 2 – Praças de La plata, Buenos Aires - Argentina	20
Figura 3 – Mapeamento dos brechós em Florianópolis	26
Figura 4 – Cadeia de descarte observação inicial	37
Figura 5 - Feirinha da UFSC- Trindade, Florianópolis (SC)	40
Figura 6 - Feirinha da UFSC- Trindade, Florianópolis (SC)	44
Figura 7 - Feirinha da UFSC- Trindade, Florianópolis (SC)	47
Figura 8 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)	47
Figura 9 e 10 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)	48
Figura 11 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)	49
Figura 12 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)	50
Figura 13 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)	54
Figura 14 e 15 - Brechó Especial- Trindade, Florianópolis (SC)	56
Figura 16 - Brechó Especial - Trindade, Florianópolis (SC)	56
Figura 17 - Feirinha da UFSC - Trindade, Florianópolis (SC)	59
Figura 18 e 19 - Brechó Kula no Instagram	64
Figura 20 e 21 - Brechó Kula - Trindade, Florianópolis (SC)	66
Figura 22 - Brechó da Kt - Trindade, Florianópolis (SC)	67
Figura 23 - Brechó Campeche - Trindade, Florianópolis (SC)	68
Figura 24 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)	69
Figura 25 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)	70
Figura 26 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)	71
Quadro 1 - Nome dos brechós que iria pesquisar e sua localidade	26
Quadro 2 - Resposta dos bairros que apareceram nas respostas do formulário	28
Quadro 3 - De quem os interlocutores ganham peças de roupas usadas	31
Quadro 4 - Motivos para comprar em brechós	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 AS PRIMEIRAS PEÇAS - CONSTRUINDO UM CAMINHO.....</b>	<b>17</b>
1.1 Contextualizando o objeto Roupas - A peça que faltava.....	20
1.2 O mapeamento.....	25
1.3 O mercado de troca.....	33
<b>2 UM EMARANHADO.....</b>	<b>39</b>
2.1 A troca - Bazar das Amigas.....	41
2.2 A triagem - Bazar/brechó da Igreja da Santíssima Trindade.....	44
2.2.1 O Brechó Especial.....	53
<b>3 A SACOLA, A MALA E A MEMÓRIA - A Feirinha da UFSC.....</b>	<b>59</b>
3.1 O garimpar.....	61
3.2 O descarte - Cadeias de descarte.....	68
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

Quando decidimos comprar uma peça de roupa, raras são às vezes em que refletimos quais foram os caminhos que esse objeto realizou até estar numa arara qualquer de uma loja qualquer de departamento. E mais raras ainda são às vezes em que pensamos no processo de descarte dessas peças, o ato de doar para um bazar de igreja, brechó, grupos de trocas ou para familiares passa por outro lugar que foge um pouco da ideia de ser “sustentável” ou ainda uma ideia, quase que fantasiosa, de impactar no processo linear e constante de produção de roupas mundo afora. Foi isso que descobri ao escolher ter como objeto de pesquisa a *roupa usada* e alguns de seus caminhos numa cidade no litoral do sul do Brasil, conhecida pelos íntimos como Desterro e popularmente (oficialmente) como Florianópolis. Foi nesta cidade na qual nasci e cresci que encontrei um mercado de troca de *roupas usadas* pulsante.

Desde muito nova ia com meus pais em brechós no centro da cidade ou no bairro em que morávamos. Mas me recordo que no centro histórico de Florianópolis havia a rua que conheci como a “rua dos sebos” e um pouco mais adiante eu e meus amigos passamos a conhecer como a “rua dos brechós”. É uma rua que fica perto do antigo terminal de ônibus, logo depois da Praça XV. Nessa rua, normalmente deserta, entre bares e lojas que vendiam itens diversos, se encontravam os brechós praticamente um ao lado do outro. Tenho a lembrança de sempre visitar o mesmo. Até hoje ele existe e possui o mesmo nome, conhecido como “Baú de luxo”, tinha um pouco de tudo, de roupas de festas a roupas que pareciam ser de carnavais passados. A loja em si é grande, com araras enormes nas paredes laterais e no teto. Lembro que sempre passava lá nos sábados em que íamos à cidade comprar alguma coisa. Em frente ao “Baú de luxo” tinha outro brechó, que não me recordo o nome, que vendia somente roupas de festa usadas. Na vitrine sempre tinha vestidos lindos para festas de 15 anos ou casamentos. Mas conforme os anos foram passando boa parte deles fechou e também nunca mais visitei essa rua para confirmar os que ainda existem.

O processo de escolha do tema para o meu TCC e conseqüentemente o processo de montagem do projeto inicial de pesquisa aconteceu durante o semestre de 2021.2. Nesse

momento tinha três temas e todos eles tinham em comum o meu desejo de estudar de alguma forma o papel da moda, mais precisamente, qual o papel que a roupa tem no social. Assim tudo começa um pouco antes de retornar para o curso de Antropologia em 2020, na verdade, temos que voltar um pouco mais até mesmo antes de iniciar o curso de Produção de Moda iniciado em 2018. Foi mais ou menos nessa época que comecei a pensar sobre a crescente tendência da reciclagem de roupas, descartes e conseqüentemente a temática da sustentabilidade (de uma maneira muito ampla). E essa reflexão ocorre após um conjunto de fatores: O primeiro foi assistir ao documentário “The true Cost”; O segundo acontecimento foi ver uma amiga criando um brechó; O terceiro foi fazer, como mencionei anteriormente, o curso de produção de moda no qual discutimos temáticas como consumo, sustentabilidade e cadeia de produção do vestuário.

E somada a tudo isso durante meu retorno para antropologia escolhi matérias que me orientaram neste caminho, antropologia visual, da mídia, da arte, tudo para pensar o meu objeto de pesquisa. Sem contar a relação pessoal que sempre tive com roupas que já foram usadas e brechós, algo que meus pais sempre me ensinaram (doar peças e ganhar peças doadas) e um local que frequentavam. Ainda nesse percurso me vi em 2022.2 na Argentina, um lugar onde novamente meu tema foi revisto, alterado e moldado. Assim a *roupa usada* passa a ser minha principal interlocutora e a partir do seu descarte encontro um mercado de troca numa cidade e com ele suas relações.

E foi então nos caminhos do trabalho de campo, seguindo essa roupa, que encontrei muitos outros trajetos para função de que uma roupa tem a capacidade de criar. Só que no decorrer da pesquisa conversando com minhas interlocutoras percebi que ao pensar a ideia da *roupa usada* era possível pensar o conceito de alienação e tradução, no qual as coisas seriam arrancadas dos seus contextos de vida e acabariam se tornando objetos de troca (Anna Tsing, 2022), assim meu TCC se constrói a partir de uma perspectiva de uma economia circular dos objetos e também do consumo, em certa medida. Que através de sua circulação, observando e descrevendo, o processo de descarte, doação e comércio em Florianópolis, reflito como esse objeto que ora tem uma história acumulada (Appadurai, 2009) e em outro momento é

descartado como “apenas” um objeto, apresentou práticas de tradução dessas roupas em dádiva (Mauss, 2013) e mercadoria, no mercado de brechós da cidade. A questão que busquei entender foi “Como uma roupa usada cria relações entre sujeitos(es) numa cidade?” Pensando a relação entre a roupa que se usa e a roupa que se descarta, isto é, como funciona a economia circular dessas peças e como essas interligações tem capacidade de recriar um sistema circular de troca com suas subjetividades e nuances.

Sendo assim, tendo como fio condutor como as pessoas se relacionam com suas roupas usadas, identifiquei caminhos que uma roupa usada pode ter. A partir de uma morte, da primeira entrevista, observando a dinâmica nos brechós que entendi esse objeto tendo sua própria agência com relação às pessoas, e as pessoas com relação a ele. Inicialmente havia refletido que estaria diante de uma espécie de pêndulo, ora mercadoria, ora dádiva, só que conforme o campo foi se aprofundando não fazia sentido já que essas cadeias não terminam em si mesmas, elas são possíveis de criar outros caminhos que não estão em foco neste trabalho. Dito isso, nesta pesquisa proponho uma análise da cadeia de descarte que essa roupa acaba inserida, mas que não exclui a existência de outras cadeias dentro desse mercado.

Parto da ideia de entender que é possível pensar que as nossas relações podem ser construídas pela trajetória de um objeto. Através dos vários caminhos que se cruzam, o objeto com as pessoas, as pessoas com o objeto, o sistema capitalista e mercadológico que esse objeto está inserido, etc. Falaremos sobre roupa e como ela constrói sua própria narrativa através das pessoas que a compram, doam ou vendem. Então para esse primeiro capítulo vamos pensar os vários caminhos que uma roupa usada percorre, claro que essa roupa ela está localizada no tempo e no espaço, talvez mais no espaço que no tempo. Os caminhos percorridos até minha chegada no campo não ironicamente segui um emaranhado de tramas têxteis.

Inicialmente esta pesquisa teve como objetivos específicos: a) Mapear os locais em que ocorreram esses descartes (há quanto tempo existem, quem doa as roupas, como se organiza); b) Mapear as pessoas que estão nesse sistema de troca (classe social, idade, cor,

lugar de moradia, grau de escolaridade) quem é o público preferencial e também as pessoas que cuidam desses espaços dos brechós e bazares de roupas; c) Analisar quais são suas motivações subjetivas para este tipo de consumo ou troca, como esses interlocutores percebem essas roupas, e como pensam a distinção entre roupa nova e usada quando compram; E por fim d) Descrever como funciona a dinâmica de venda e troca dessas peças, e também o que faz uma peça de roupa usada receber o “*status*” de nova.

Sendo dividida em três capítulos, no Capítulo I é demonstrado minha entrada em campo começando com o observado no período que estava na Argentina, seguido do item 1.1 no qual contextualizo o objeto desta pesquisa - a roupa -, no item 1.2 demonstro como foram realizados o mapeamento e as etapas metodológicas pensadas para pôr em prática o campo, já no item 1.3 apresento o mercado de troca que será descrito nesta pesquisa acontece ao longo da própria pesquisa de campo. Sua construção e materialização se realiza - numa tentativa experimental - de seguir os caminhos que uma peça de *roupa usada* poderia ter e assim ele foi se revelando em pequenos fragmentos dos vários lugares que observei - o bazar, brechó da igreja, os brechós da feira da UFSC, o brechó do centro da cidade, a doação de roupas entre a minha família, o bazar de troca entre amigas - todos esses vários caminhos percorridos na pesquisa de campo revelaram uma cadeia de circulação de vários objetos, porém principalmente *roupas usadas* e conseqüentemente um mercado de troca na cidade.

O capítulo II apresento os fragmentos encontrados pensando o que observei por meio da dádiva (Mauss, 2013) e descrevendo as categorias encontradas no campo, assim o item 2.1 falaremos sobre a troca pensado com o Bazar das amigas; o item 2.2 será refletido sobre a triagem através do brechó da Igrejinha dividido em dois momentos: um dia comum e o evento Brechó especial. Por fim no capítulo III apresento como Feirinha da UFSC encontrou minha pesquisa, no item 3.1 será refletida a categoria garimpar e por fim no item 3.2 é realizado uma análise com relação às cadeias de descarte pensando a circulação dessa peça de roupa.



## 1 AS PRIMEIRAS PEÇAS - CONSTRUINDO UM CAMINHO

*12 de dezembro de 2022 - Diário de Campo - La Plata, Argentina<sup>1</sup>*

*Hoje fez muito sol como nos últimos dias das últimas semanas. Todos os dias aqui o céu se encontra sem nuvens. Ainda é de manhã e sigo caminhando até a praça Itália onde realizei a observação. Círculo a feira, que já se encontra praticamente montada, me sento num banco perto do estacionamento dos carros, com sombra porque faz muito calor e assim também consigo observar tranquilamente as tendas que estão montadas ali. Comecei a observar que boa parte das pessoas que cuidam das tendas são mulheres. Cada tenda se organiza à sua maneira. Em quase todas, é possível ver uma mesa que expõe roupas dobradas e o restante é pendurado por cabides - outras possuem araras.*

*É interessante também notar que elas não ficam em suas tendas. Por exemplo, hoje está quente, um dia de sol e nas praças há muitas árvores, então você acaba vendo as tendas sem ninguém só que a pessoa se encontra sentada à sombra. Do outro lado, normalmente acompanhadas enquanto conversam e tomam mate (bebida semelhante e conhecida no sul do Brasil como chimarrão). Boa parte das pessoas que passam e olham são mulheres de todas as idades, aparentemente, às vezes com crianças. Na tenda que está em minha direção a senhora organiza as peças com cuidado - todas as pessoas que passam a senhora mostra e atende - é como uma dinâmica de convencer a pessoa que está olhando se vale a pena comprar aquela peça. Nessa uma hora de observação é possível ver que a circulação de pessoas é constante, já que a praça é uma das partes que conecta várias ruas da cidade.*

*Decido então circular um pouco mais entre as tendas e aproveitar para realizar registros fotográficos. Por exemplo, fui em uma tenda que ao lado havia três mulheres que conversavam sobre assuntos do dia a dia - Quando entrei, uma delas sorriu para mim e disse “pode olhar e perguntar ou provar, eu estou aqui”. Das tendas que fui, os valores das peças estava entre 200 e 800 pesos (que convertendo para reais com a cotação daquele momento, a 0.064 de reais seria em torno de 3,15 - 12,50), depende do formato da roupa, do tamanho da roupa e depende do tipo de tenda também (...).*

Início este primeiro capítulo trazendo um relato do meu diário de campo, deixando informado aos leitores que até o final desta jornada pretendo iniciar alguns tópicos com um

---

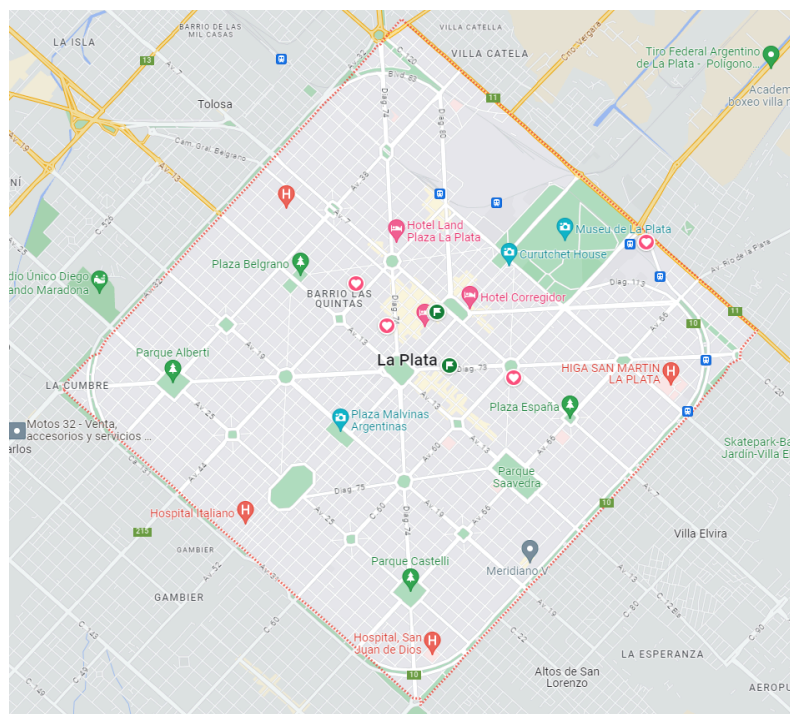
<sup>1</sup> Durante todo o trabalho você verá que alguns parágrafos estarão inteiros em Itálico, essa foi uma ferramenta narrativa utilizada para ajudar você leitor a se orientar no espaço tempo. Portanto nesses trechos estarei falando de um momento anterior ainda no trabalho de campo.

trecho do meu diário como uma tentativa de transportá-los para aquele momento. Dito isso, apesar da primeira entrada em campo ter sido realizada em março de 2022 - num bazar café entre amigas - ainda naquele momento as coisas se encontravam muito nebulosas com relação ao verdadeiro objeto desta pesquisa. Estava no final do curso de produção de moda que como comentado anteriormente foi uma das partes importantes para que eu decidisse estudar roupas na antropologia. Ainda não havia definido que tentaria entender como se constroem as relações a partir da circulação de *roupas usadas* na cidade. Contudo, é quando me desloco espacialmente mudando de país que de fato meu campo ganha uma nova perspectiva. Além de ter encontrado algo que me lembrava as feiras de brechó no Brasil, é importante contextualizar porque La Plata foi a primeira virada da minha pesquisa.

No segundo semestre de 2022 morei na Argentina durante cinco meses, mais precisamente em La Plata - Buenos Aires, uma cidade que fica a uma hora e meia da capital Buenos Aires - para modos de entendimento espacial - é como se La Plata fosse o continente e Buenos Aires fosse Florianópolis. E para além de conhecer e vivenciar outra cultura fui para Argentina estudar Antropologia, durante as aulas de - *Metodos y Tecnicas en la Investigación Sociocultural* - que volto para pensar o meu projeto de pesquisa que já havia sido feito um semestre antes de saber que iria para Argentina e foi a partir dessa experiência que começo a enxergar que os brechós passeiam por várias posições dentro dessa cadeia sendo: um resultado do descarte de *roupas usadas*, ao mesmo tempo, em que podem ser um ponto inicial e também um ponto final nessa cadeia que pretendia observar.

Então durante o percurso montei um esquema pensando nos possíveis caminhos dessas peças de roupas quando são descartadas, assim foi possível perceber que se voltava mais para uma ideia de solidariedade do que sustentabilidade, como havia pensado até aquele momento. É a partir dessa mudança de visão que começo a entender que o foco da pesquisa não seriam os brechós e sim as relações construídas a partir da circulação de um objeto. Depois de algumas semanas indo e voltando da Faculdade, percebi que as tendas de segunda mão funcionam todos os dias da semana em quase todas as Praças no centro de La Plata - vale destacar que La Plata é uma cidade que foi pensada a partir de suas praças e parques como demonstra a figura número 1. E nesse período realizei observações em duas praças (Itália e San Martin) e em um parque (Saavedra), sendo a primeira descrita no início deste capítulo.

**Figura 1 - Mapa de La plata, Buenos Aires - Argentina**



(Fonte: Google Maps)<sup>2</sup>

Todas seguíam o mesmo padrão: tendas brancas montadas entre as diagonais da praça, mesas improvisadas, malas abertas com roupas ou calçados, roupas penduradas em cabides no suporte da tenda ou em araras, cadeiras ou bancos de praia como demonstrado na figura 2. Talvez a do parque Saavedra seja a mais semelhante a Feirinha da UFSC que também está neste trabalho no próximo capítulo, já que além de roupas usadas também havia exposição de itens antigos, artesãos e produtos coloniais. Só que o interessante foi descobrir que nem sempre foi assim e que, portanto, muitas pessoas com quem eu conversei acham que por conta da crise que o país vem enfrentando nos últimos anos, essas feiras acabaram surgindo e sendo permitidas pelo governo<sup>3</sup>. Já que o comum pelos vários relatos que ouvi eram de pessoas que compartilhavam entre familiares suas peças de *roupas usadas*.

<sup>2</sup> Print retirado do google maps

<https://www.google.com/maps/place/La+Plata,+Buenos+Aires,+Argentina/@-34.9205082,-57.9531703,13z/data=!3m1!1e3!1m2!1s0x95a2e62b1f0085a1:0xbcfc44f0547312e3!8m2!1d-34.9204948!4d-57.9535657!16zL20vMDIzYjk3?entry=ttu> - acessado do dia 03 de novembro de 2023.

<sup>3</sup> Seria algo interessante para verificar, mas como o tempo não foi suficiente e também por conta da minha pesquisa ter como foco a cidade de Florianópolis acabei não aprofundando nessas questões.

**Figura 2 - Praças de La plata, Buenos Aires - Argentina**



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)<sup>4</sup>

Sendo assim, foi observando as feiras de segunda mano ou Feira Americana<sup>5</sup> em La Plata, que quando retorno em dezembro de 2022 para Florianópolis pude pensar sobre as feiras, bazares e brechós daqui. É a partir desse movimento que podemos começar a construir o mercado de troca. Mas antes de começarmos a unir os fragmentos materiais e simbólicos que constroem este mercado, que não está fixo, precisamos falar dela - a roupa.

### 1.1 Contextualizando o objeto Roupas - A peça que faltava

*29 de março de 2023 - Diário de campo - Florianópolis*

*Há duas semanas minha avó- mãe do meu pai- faleceu antes de completar seus 98*

<sup>4</sup>Imagem 1 e 2: Praça San Martín; 3 a 6 Praça Itália.

<https://www.google.com/maps/place/La+Plata,+Buenos+Aires,+Argentina/@-34.9205082,-57.9531703,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x95a2e62b1f0085a1:0xbcfc44f0547312e3!8m2!3d-34.9204948!4d-57.9535657!16zL20vMDIzYjk3?entry=ttu> - acessado do dia 03 de novembro de 2023.

<sup>5</sup> Como são chamadas em espanhol

anos. E a partir de sua partida percebi outra virada na minha pesquisa, talvez uma peça que faltava. Se é que em uma pesquisa você encontra todas elas. Até esse momento não havia percebido que a circulação de roupa existe ao meu entorno desde que sou pequena. Tanto é que em todos os anos separo sacos de roupas para doar, enquanto eu recebo sacos de roupas doadas. A roupa em si nunca foi para mim um símbolo de descarte e sim de circulação. Se não me cabe mais, eu doo para uma prima. Se uma prima não usa mais, ela me doa. Mas voltando para minha avó, ela sempre me doava algumas blusas de frio, para ser mais exata, suéteres de lã trançada, com fios finos ou grossos, pesadas ou não, era por esses emaranhados de fios de lã que nossa relação se fortaleceu. Após sua partida me vi pensando em suas roupas que ficaram assim como seus outros objetos. E a resposta veio uma semana depois da sua partida, meu pai disse que minhas tias iam se reunir naquela quinta-feira na parte da tarde para separar as roupas e me chamaram para escolher algumas, já que eu tinha essa relação com ela. Infelizmente não consegui ir pessoalmente para acompanhar. Mas minhas tias separaram algumas peças para mim.

E como toda doação de roupas, elas vêm numa sacola qualquer. Todas dobradas. Essas especificamente ainda possuem o cheiro da casa dela, ao abrir aquela sacola sou tomada pela saudade, lembrança e um pouco de tristeza. São mais de dez blusas. Minha mãe já escolheu três para ela, todas com a nossa senhora estampada na frente. E fiquei pensando qual foi a categoria que elas utilizaram para separar essas peças para mim? Percebo que tem muitas cores verde, amarelo e marrom. A maioria são roupas de frio. E ao escolher me sinto num garimpo onde você tem que imaginar potencial em algo que numa loja comum você provavelmente não experimentaria ou compraria. Provo todas. Dentre elas, selecionei seis. Um casaco verde limão peluciado por dentro; uma camiseta com estampa de flores amarelas e lilás como uma colagem; outra camiseta verde de tricô têxtil com detalhes feitos na própria peça como uma flor (depois de alguns dias essa peça também doei); uma blusa comprida num tom amarelo bem fraco quase um creme com flores desenhadas; uma blusa também de tricô têxtil na cor areia com entalhes nas mangas e no meio; por fim um casaco de lã marrom de botões. Conversando com o meu pai perguntei se ele sabia o que

*aconteceria com as outras peças de roupa. Então me contou que uma das minhas tias havia doado para seus tios e tias (irmãos da minha avó) e para outros membros da família, já as peças que sobraram seriam doadas para um asilo. Agora pequenos “pedaços” de minha avó estariam por aí (...).*

Peter Stallybrass em *O casaco de Marx - Roupas, memória e dor (2012)* - inicia seu livro contando sua experiência de como começou a pensar em roupas e onde está de fato sua mágica. A partir disso inicia com um relato, que durante a apresentação de um trabalho sobre o conceito de indivíduo, é tomado por um silêncio seguido por um choro, e nos conta que naquele momento, após meses que seu amigo havia falecido, ele havia voltado para ele. E conforme lemos o autor nos conta que ele e seu amigo Allon sempre trocavam de roupas, e quando ele morre sua esposa Jen dá para Peter sua jaqueta de beisebol, a mesma que estava usando enquanto apresentava seu trabalho que em muitos aspectos segundo ele fora uma tentativa de lembrar Allon e concluí “Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia”(Ibidem. p.11).

Por qual razão trago um resumo desse início? Porque minha pesquisa começa a fazer sentido também com uma morte. Como demonstra o pequeno trecho do meu diário de campo que inicia esse tópico, minha avó morreu no início deste ano, mais precisamente num dia de sol e muito calor de março, aos 97 anos, em sua casa. E nossa ligação se dava principalmente por um emaranhado de fios. Eu era a neta que gostava dos seus suéteres e sempre quando a visitava dava uma passadinha em seu armário para ver se tinha algum tesouro guardado. E concordo com Stallybrass quando ele nos conta como começou a acreditar na magia das roupas e que essa magia estaria no fato de que essa roupa nos recebe “recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma” (p.10). A roupa, então, seria esse objeto que nos faz e se refaz pelos nossos corpos, ao mesmo tempo que dura, é imortal (Ibidem). Portanto, as roupas que recebem os corpos, nossos corpos, sobrevivem já que tais corpos vêm e vão: “Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo” (Ibidem. p.11) complemento dizendo que podem passar de avó para neta,

de mãe para filha e assim por diante.

Vale ressaltar que os objetos na história da Antropologia sempre estiveram num limiar de classificação - no sentido de servir para ou num sentido de ter uma função. Até certo ponto a roupa muitas vezes no cotidiano é pensada partindo dessa ótica, algo mais generalista e macro. E quando a reduzimos para pensarmos suas funções e significados num contexto específico - mercado de troca ou círculo de doação - aparecem outras nuances e sentidos. Foi isso que observei quando identifiquei as cadeias de trocas que se formavam em torno do meu objeto.

Sendo assim, todas às vezes que penso no objeto que me fez escrever um projeto de pesquisa, realizar uma pesquisa de campo, entrevistas, um artigo e este trabalho de conclusão - A roupa - involuntariamente ou não, penso que nossa relação com ela está praticamente posta desde antes de nascermos. Nascemos sem elas, só que isso dura pouquíssimo tempo quando nem entendemos o que somos, ela já está ali. Então para contextualizar esse objeto é necessário pensarmos brevemente nesse sistema da moda, porque é a partir dele que a trajetória desse se apresenta para mim para pensar o meu objeto de pesquisa: *roupas usadas*.

Quando voltei para o curso de antropologia no ano de 2020 já havia passado por vários lugares, naquele momento já havia decidido estudar moda, por que de alguma forma minhas relações com as roupas sempre foram de muitos questionamentos: desde pensar como são produzidas? Como são pensadas? Para que ou para quem são pensadas? Qual sua utilidade para além da proteção? Como a consumimos e porque a consumimos? É quando inicio no curso de produção de moda em 2019 que começo a materializar o que me encantava tanto em estudar sobre roupas e que já se encontrava nos questionamentos anteriores. Era a relação que criamos com esse objeto, até certo ponto, que nos permite ser e que nos constrói como sujeitos(es). É sobre isso, mas não só, que a historiadora social e da cultura Maria R. Sant'Anna em seu livro *Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo (2007)* vai escrever, trazendo um compilado de autores e teorias que pensaram o sistema da moda. Em resumo, seu objetivo é tentar pensar na sua pergunta norteadora “há uma sociedade de moda?” E se ela

existe, pensar seus entrelaçamentos, movimentos e como nos inserimos nesse sistema. Sendo assim, conforme a autora, a moda é simbólica e conseqüentemente nos oferece signos e significantes de identificação. Transportando essa mesma ideia para o modo como consumimos e do porquê consumimos. Entretanto, aqui não iremos tão longe, o relevante para a discussão neste momento são as reflexões que a autora traz sobre como pensamos moda e vestuário, já que estamos falando de roupa e as relações que ela estabelece entre sujeitos(es).

Normalmente os associamos como se fossem uma coisa só quando, na verdade, não são, já que segundo a autora “a moda e o vestuário, mesmo intrinsecamente ligados, não podem ser confundidos. O vestuário proporciona o exercício da moda, e essa atua no campo do imaginário, dos significantes (...)” (Sant’Anna, 2007, p. 74) portanto parte integrante da cultura. E conclui que se pensarmos que a roupa na sociedade moderna, que consome e produz o seu mito da imagem, o vestir-se então pode ser entendido como esse sistema de significação de um carácter simbólico (Ibidem), ou seja, segundo ela a roupa realizaria dois papéis principais o cobrir o corpo visando proteção e o outro pensando no ato de ornamentá-lo, para diferenciá-lo ou aproximá-lo do seu grupo social. Mas durante os caminhos do campo essa afirmação será tensionada.

É nesse contexto que meu campo de pesquisa está inserido, a partir disso que vamos pensar como seguir essa *roupa usada* me proporcionou identificar um mercado de troca na cidade de Florianópolis. No qual, para além de refletir sobre a trajetória desse objeto - a roupa - também foi necessário pensar nas relações que são construídas quando identificamos que essa roupa aqui está alocada em uma determinada categoria de roupa, no caso usada. Já que a roupa quando desassociada de um corpo é pensada como apenas um ser inerte, destituído de vida, parcialmente esvaziada e neutralizada; aberta a qualquer apropriação (Ibidem, p. 76). E a questão que estou buscando nessas páginas é demonstrar como essa desassociação pode acontecer, pensando que talvez essa roupa mesmo desassociada ainda assim pode ser um objeto constituído de vida. Para iniciar essa demonstração começemos a entender como foi dividido e pensado o campo.

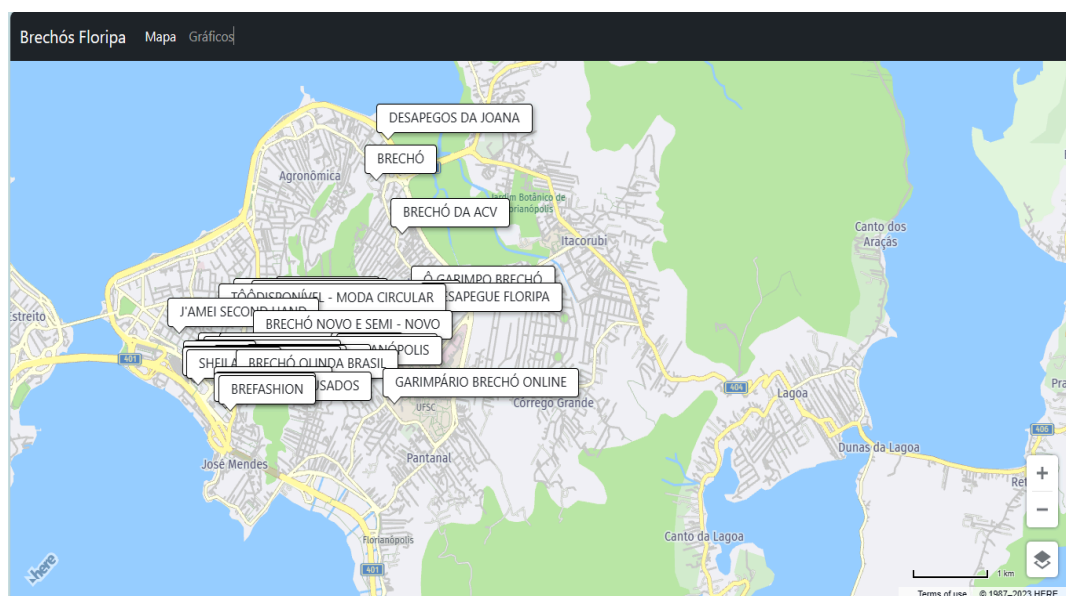


## 1.2 O mapeamento

O trabalho de campo foi realizado em três momentos. Nesse primeiro momento, na etapa exploratória, realizei um levantamento e mapeamento dos brechós localizados no centro de Florianópolis e arredores, realizando buscas no Google, Google Maps e Instagram numa espécie de etnografia digital (Cesarino, Walz, Balistieri, 2023) e de uma observação “não participante” (Rial, 2005), já que um dos objetivos iniciais era partir desses espaços para pensar a *roupa usada* e seus descartes.

As palavras-chave que usei para montar o mapeamento foram: Brechó Florianópolis centro; bazar e brechó Florianópolis. Essa última foi a que apareceu mais resultados como os dois brechós que conheço desde a infância: "Baú de luxo" - que fica no calçadão João Pinto, no centro e "Brechó Brechik" - que fica na Osvaldo Melo, também no centro. São dois Brechós que pelas fotos postadas na internet são o que chamaria de tradicional - no sentido de ser como normalmente imaginamos um brechó com suas araras abarrotadas de roupas de variadas estações, penduradas em cabides, num espaço físico normalmente pequeno - e naquele momento era o que estava buscando. É interessante perceber que são diferentes de bazares como o da Igreja da Santíssima Trindade (que não aparece no mapa) e o bazar do hospital Universitário (que também não aparece no mapa). Logo mais retornarei para comentar suas diferenças. Abaixo na figura 3 é possível observar os brechós que foram encontrados durante essa busca e também que boa parte deles estão mais localizados no centro da cidade.

**Figura 3 - Mapeamento dos brechós em Florianópolis**



(Fonte: Google Maps)

Foram 24 brechós catalogados através da pesquisa online e alguns outros indicados por pessoas conhecidas e desconhecidas. Dentre esses, havia inicialmente selecionado dois e os outros dois que não estavam no Google Maps.

**Quadro 1 - Nome dos brechós que iria pesquisar e sua localidade**

CENTRO FLORIANÓPOLIS	ARREDORES DA UFSC
Baú de luxo	Bazar da Igreja
Brechó Brechik	Bazar do hospital HU
-	Brechó Kula (Feira da UFSC)

Iniciar com o mapeamento me ajudou a refletir que existia aqui na cidade uma “cultura” forte de brechós físicos ou não e que esses eram acompanhados de feiras realizadas em várias partes da cidade em finais de semanas alternados em várias partes da ilha. A escolha dos brechós para pesquisa se deu principalmente pelo tempo que já estão na cidade e por terem um espaço físico. Só que uma das minhas primeiras interlocutoras da pesquisa tinha um brechó que não tinha um espaço físico e assim conforme a pesquisa foi sendo realizada, a Feirinha da UFSC, que acontece todas às quartas-feiras na praça da cidadania, acabou se tornando uma grande parte do meu campo.

Após realizar o mapeamento dos brechós, uma das outras etapas da pesquisa foi realizar uma pesquisa através da plataforma do Google Forms na qual as pessoas puderam responder de forma anônima. Com esse formulário gostaria de entender qual era a relação que as pessoas que moram na cidade tinham com suas *roupas usadas* e o que faziam com elas ao descartá las, se consumiam esse tipo de peça, se doavam suas roupas, se frequentavam conheciam brechós da cidade e se existia alguma relação entre pessoas que doam - recebem *roupas usadas* e consomem em brechós. Além disso, também entender o contexto que essas pessoas estavam inseridas demograficamente, então o objetivo foi entender como as pessoas enxergam esse mercado de troca e também quais os caminhos possíveis que uma peça de *roupa usada* podia percorrer na cidade.

O formulário teve quatro sessões, totalizando 32 perguntas abertas e fechadas, dentre essas as 11 primeiras sendo obrigatória a resposta. Iniciei com as perguntas voltadas para parte mais quantitativa e demográfica: idade, identidade racial/étnica, estado civil, escolaridade, renda, se reside em Florianópolis e entre outras. Obtive 69 respostas, dessas, 45 residem em bairros de Florianópolis e o restante são da Grande Florianópolis - continente, porém como naquele momento estava pensando no recorte da pesquisa que se localiza precisamente no centro de Florianópolis e em torno da UFSC, tomei a decisão de analisar somente as respostas das pessoas que moram nessas localidades. Sendo assim a análise que seguirá a partir desse momento é com base nas 45 pessoas que estão nessa localidade.

Com relação aos dados demográficos: 24 pessoas possuem entre 18 e 25 anos, os demais estão divididos entre 26 e 40+; dentre essas 43 são brancas e 2 são pretas. Boa parte das pessoas que responderam são mulheres cis - 40 para ser mais exata, 2 não binários e 3 homens; Mais da metade possui graduação ou pós-graduação; Praticamente metade disse ser solteiro e as outras estão em um relacionamento estável ou casadas; Com relação à renda, mais da metade recebe entre 1 a 3 salários mínimos, seguido de 4 a 6 salários mínimos e o restante entre as outras opções; Com relação ao estado em que nasceu mais da metade respondeu que foi no Estado de Santa Catarina e por último o local em que moram atualmente:

**Quadro 2 - Resposta dos bairros que apareceram nas respostas do formulário**

Pantanal	Saco dos Limões
Coqueiros	Capoeiras
Estreito	Centro
Barra da lagoa	Trindade
Cachoeira do Bom Jesus	Campeche
Córrego	Costeira
Pantano do Sul	Serrinha

Agora num segundo momento vamos analisar a partir das respostas abertas quando perguntadas “Como você descarta suas peças de roupa?” Dentre as 45 respostas as palavras doação/doa/ doar apareceram em 43, muitas responderam que doam suas peças de roupa para bazares; brechós ou familiares, 5 responderam que acabam também vendendo suas peças de roupas - para os mesmo lugares mencionados anteriormente, dessas 9 falaram que uma das opções é jogar a peça de *roupa usada* no lixo, e apenas duas responderam que não doam e jogam no lixo. Como demonstram as falas a seguir:

*“Doação e venda para roupas utilizáveis, reciclagem para roupas rasgadas ou danificadas” - Moradora de Capoeiras*

*“Faço doação para brechós comunitários” - Moradora da Agrônômica*

*“Não descarto, levo para a doação ou reutilizo o tecido” - Morador Campeche*

*“Minha mãe doa para algum lugar” - Morador do Estreito*

*“Repasso a familiares, levo em instituições que fazem caridade, igrejas ou brechós” - Morador trindade*

Outra resposta que também apareceu com frequência, foi dar outra utilidade para essa roupa - Pano de chão, por exemplo

*“Doação quando tem possibilidade de uso ainda e quando está muito usada uso de pano de chão.” - Moradora – pantanal*

*“Em bom estado, faço doações ou trocas, em mal estado faço pano de chão ou descarto no lixo” - Moradora da Trindade*

*“Depende do estado da roupa. Algumas eu faço doação para uma prima que tem um brechó, outra eu faço doação para a SEOVE, e as que realmente não tem como usar ou virão pano de chão, ou vão para o lixo.” - Moradora do Pantano do Sul*

Quando perguntadas “Qual é o fator principal para você descartar uma peça de roupa?” O fator mais recorrente para o descarte é não servir mais ou que não tenha mais sentido naquele momento da vida. O tempo da peça parada também esteve como um dos motivos. Além disso, o tempo para descartar uma peça de roupa é um ou mais de um ano sem uso, segundo as respostas, a palavra estragada também aparece para se referir a peças de roupas manchadas ou rasgadas. Uma das pessoas comentou que também descarta quando

alguma dessas peças está vinculada a alguma memória (o que vale também para não doar uma peça de roupa).

*“São vários fatores: (1) não uso mais há algum tempo, (2) usei muito e cansei, (3) deixei de gostar; (4) está vinculada a alguma memória da qual pretendo me distanciar” - Moradora do campeche*

*“Eu tiro para doação quando percebo que não uso mais e ela não faz mais sentido para "eu" daquele momento.” - Moradora Pantanal*

*“Inadequação com meu estilo atual. Como preservo bastante a qualidade das minhas peças de roupa e fico com elas por muitos anos, não é raro ela se tornar inadequada ao meu estilo atual.” - Moradora Trindade*

*“Quando gosto de alguma peça descarto porque está com alguma avaria (furinho, mancha), muitas vezes porque não uso a peça a algum tempo e não gosto de acumular muitas roupas que não uso.” - Moradora Centro*

*“Não condiz mais com minha estética/expressão de gênero” - Moradore Santo Antônio de Lisboa*

*“Depende. Normalmente eu descarto as roupas que não me servem mais, não crio mais a expectativa de que voltarão a servir se eu emagrecer. E caso sejam roupas que ainda me servem, eu penso se eu as usei no último ano, se não, descarto. As únicas peças que não entram nessas regras são as de roupa íntima, que eu acabo utilizando até "se acabarem".” - Moradora Pantano do Sul*

Mesmo a maioria, como mencionado anteriormente, tendo o costume de vender ou doar as peças de roupa - normalmente doam para pessoas conhecidas, campanhas, seguido de Igrejas, brechós e bazares. Quando perguntadas se já jogaram uma peça de roupa no lixo, 39 responderam que sim. As peças de roupas que mais são descartadas no lixo conforme as respostas são: íntimas, blusas rasgadas ou peças que não possuem mais condições de uso.

*“Postos de coleta no inverno e/ou entregar a familiares que tem conexões com igrejas/ pessoas com necessidade” - Moradora capoeiras*

*“Bazar e doar para amigas e parentes próximos.” - Moradora Campeche*

*“Quando doou geralmente é diretamente para alguém específico que já tenho contato. Às vezes fico sabendo de alguma campanha acontecendo, mas não saberia dizer de cabeça.” - Moradore Santo Antônio de Lisboa*

*“Faço doações para famílias conhecidas minhas ou de terceiros” - Moradora Costeira*

“Dou para as famílias que passam pedindo na rua de casa” - Morador Campeche

Quando perguntadas se costumam ganhar alguma peça usada por seus familiares e quais seriam os graus de parentesco, das 45 respostas, 39 falaram que já receberam/costumam ganhar alguma peça de roupa usada pela família. No quadro a seguir organizei em ordem decrescente do mais mencionado para o menos mencionado com relação ao grau de parentesco.

**Quadro 3 - De quem os interlocutores ganham peças de roupas usadas**

Mãe	17
Irmã	16
Primas	10
Tias	6
Irmão	4
Pai	3
Avós	3

Como é possível observar através dos números apresentados no quadro 3, a grande maioria das pessoas que doam roupas usadas, recebem e usam roupas usadas são mulheres. Agora, quando perguntadas sobre como enxergam essas *roupas usadas*, a ideia da roupa carregar

história aparece - nove vezes; sustentável - uma vez; memória - quatro vezes; diminuição do consumo - uma vez; não gosta e não usaria - duas vezes.

*“Uma chance de pagar mais barato ou nada por uma roupa boa e que combine comigo” - Pantanal*

*“história, memórias e durabilidade já que foi usada e continua boa para ser doada” - Moradora Pantano do sul*

*“Como uma forma sustentável e econômica de me vestir” - Moradora Campeche*

*“Para os outros acho interessante! Gosto de ver sendo usada a roupa que doei! Mas não gosto de usar roupa de outras pessoas!” - Moradora Pantanal*

*“Muitas das minhas peças favoritas foram adquiridas em brechós ou por desapego de familiares. Elas trazem a possibilidade de encontrar roupas com cortes, tecidos e estilos que já não são produzidos mais.” - Moradora Trindade*

Na última sessão do questionário foram perguntas mais voltadas para brechó, se conheciam ou não; sobre os preços; se frequentam esses espaços para comprar; entre outras. Todos responderam que conhecem ou já ouviram falar em brechó. Agora, quase metade das pessoas (20) responderam que não frequentam ou compram desses espaços e os que compram preferem locais físicos (12). Os motivos para comprar nesses locais são:

#### **Quadro 4 - Motivos para comprar em brechós**

Preço ou sustentabilidade	23
Sustentabilidade	13
Vintage	9

Sobre os brechós de Florianópolis, segundo as resposta, primeiramente se observa uma cultura na cidade, segundo que também são variados: muito arrumados ou muito



bagunçados “alguns têm cara de depósito de roupas” disse uma das pessoas, entretanto são lugares caros e sendo assim teriam perdido um pouco do sentido do que seria um brechó. Já que pelas respostas apresentadas anteriormente (quadro 4) o preço aparece como um dos marcadores para se comprar nesses lugares, percebemos então que o consumo de *roupas usadas* na região pode até surgir de diversas coisas (preço, sustentabilidade ou raridade), mas que o principal, assim como observado e descrito pela Valentina Bittencourt (2013), está associado “a uma impossibilidade de adquirir roupas novas ou marcador de grupos específicos” (p.11). E quando perguntadas quais as peças de roupas que compram com frequência, boa parte respondeu: roupa, não especificando o tipo ou modelo. Por fim, quando perguntadas sobre os locais, 12 disseram que frequentam a feirinha da UFSC e outros colocaram outras feiras que acontecem na cidade.

Pontos que gostaria de destacar com esse primeiro levantamento, mapeamento e questionário: primeiramente que boa parte das pessoas que movimentam essa cadeia são mulheres; segundo que não existe um padrão das pessoas que doam automaticamente irão frequentar ou comprar desses espaços e terceiro, apesar de serem considerados caros, os brechós da cidade ainda assim é um espaço em que o baixo custo das peças usadas é uma grande vantagem.

E com base em entrevistas semi-estruturadas e sem estrutura (Goldenberg, 2004), realizei três entrevistas durante o campo, algumas foram gravadas e outras apenas transcritas. Totalizando cinco entrevistas que abordarei no capítulo dois. Esses dados me ajudaram a refletir sobre aspectos que então construíram esse mercado de troca na cidade.

### 1.3 O mercado de troca

Retomando, quando escrevi o projeto de pesquisa e também durante os trajetos que percorri em campo, num primeiro momento acreditei que o fio condutor desta pesquisa

seriam os Brechós, portanto o local, que a partir deles a pesquisa seria desenvolvida. Porém, após as primeiras idas aos brechós que havia selecionado, observei que eles não eram o suficiente para explicar o que realmente gostaria de entender: “Como uma roupa usada cria relações entre sujeitos(es) numa cidade?” E é através dos fragmentos que aqui serão apresentados que essa questão pode ser respondida.

Como mencionado no início deste trabalho, o mercado de troca foi observado em fragmentos, ele é esse conjunto de coisas, não é uma coisa ou outra, ele é tudo isso. Espalhado por vários lugares da cidade. Composto de relações entre pessoas desconhecidas, conhecidas, igrejas e brechós em ruas históricas desta cidade ou a feirinha da UFSC que reúne diversos brechós e que se monta e desmonta todas as semanas num dia de sol. Dito isso, é importante entendermos que quando me referir a mercado de troca ou sistema de troca estaremos falando da mesma coisa, já que especificamente esse mercado é ao mesmo tempo, um sistema, como qualquer mercado que envolve trocas, sejam elas com poder monetário ou não.

Entretanto, para pensar nesse mercado temos que entender de onde estou partindo. Normalmente entendemos o que é um mercado, num nível mais geral, como um sistema que envolve alguma troca em benefício ou não de outrem. Alguém fabrica uma coisa e eu compro. Eu tenho uma coisa e troco por outra. Malinowski (1978) vai nos trazer a ideia de um mercado primitivo e fazer uma comparação com o que ele chamou de mercado ocidental. Kopytoff (2008) vai me ajudar a pensar essa mercadoria e sua biografia na qual não podem ser assim tão parciais. Já Mauss (2013) vai me ajudar a pensar a dádiva, a magia que está envolvida nesse processo, o “MANA” dessa roupa e as relações que se fazem entre pessoas numa cidade.

Enquanto revisitava os escritos sobre o Kula iniciei com uma pergunta: quais as semelhanças, paralelos e diferenças que o Kula tem com a circulação do meu objeto de pesquisa? Malinowski nos traz detalhadamente como o Kula não é apenas uma espécie de comércio ou como ele mesmo diz “A priori um comércio primitivo no qual seria a troca de artigos indispensáveis, ou úteis” (1978, p. 73) e que, na verdade, ele estaria enraizado em

mitos, sustentado pelas leis da tradição e envolvido por rituais mágicos. Dito isso, as duas cadeias de circulação de roupas usadas que observei - cadeia familiar e cadeia dentro dos brechós- inicialmente podem parecer apenas trocas comerciais que envolvam ou não dinheiro, mas conforme fui observando e adentrando nelas foi possível constatar que nesse processo essas cadeias revelaram que existe um movimento contínuo no qual esse objeto faz as pessoas e as pessoas o fazem enquanto movimentam esse objeto. Essa *roupa usada* então viraria rastro, cicatriz, vira circulação e movimento (Santos, 2020)<sup>6</sup>.

Então para pensar essas relações dentro desse mercado de troca, digamos informal ou à margem do mercado “tradicional” da produção e compra de roupas, comecei a pensar essa cadeia a partir da lógica capitalista da mercadorização, que Anna Tsing vai trazer no seu livro *O Cogumelo no Fim do Mundo* (2022). Sendo a partir dessa reflexão que começo a enxergar o sistema/cadeia de descarte de roupas usadas como uma tradução e uma alienação no meio do sistema capitalista de acumulação. Por exemplo, ela pensa os dois conceitos, a partir da lógica capitalista da mercadorização, que é quando as coisas seriam arrancadas dos seus contextos de vida e acabariam se tornando objetos de troca. O fio condutor que ela utiliza para pensar esse conceito é o círculo do *kula*, e em resumo a partir desse pensamento nos apresenta como o comércio de cogumelos Matsutake constrói relacionamentos, sendo uma extensão da pessoa que o produz/vende e essa característica define então esse comércio como uma economia da dádiva, ou seja, ao cogumelo em sua cadeia de produção se torna dádiva e mercadoria.

Agora se enxergarmos o sistema/cadeia de descarte de *roupas usadas* como uma tradução no meio do sistema capitalista de acumulação, então ele passaria por esse movimento dádiva e mercadoria. Tendo no descarte em determinado ponto um valor simbólico será alienado mas permanecem outros valores como o da etiqueta ou tecido, por exemplo. Que através de sua circulação, observando e descrevendo, o processo de descarte, doação e comércio em Florianópolis, esse objeto em determinado momento da cadeia tem

---

<sup>6</sup> Referência ao comentário da Milena Rabelo com relação ao trecho deste trabalho apresentado nas Jornadas antropológicas de 2023 - UFSC em referência a autora Carolina Junqueira em seu texto “Corpo, Lacuna, traço”.

uma história acumulada (Appadurai, 2009) e em outro momento é descartado como “apenas” um objeto. Entretanto, o foco aqui não será trabalhar ou refletir detalhadamente o conceito de alienação da mercadoria e sim realizar uma espécie de paralelo a partir da ideia de tradução, de como o comércio de *roupas usadas* - nesse mercado de troca em Florianópolis- também acaba passando por esse processo de construir relações, assim como é possível constar quando lemos sobre cogumelos Matsutake produzidos nos EUA, o Kula nas ilhas Trobriandesas descritos por Malinowski ou ainda o Potlach e a questão da dádiva pensada por Marcel Mauss.

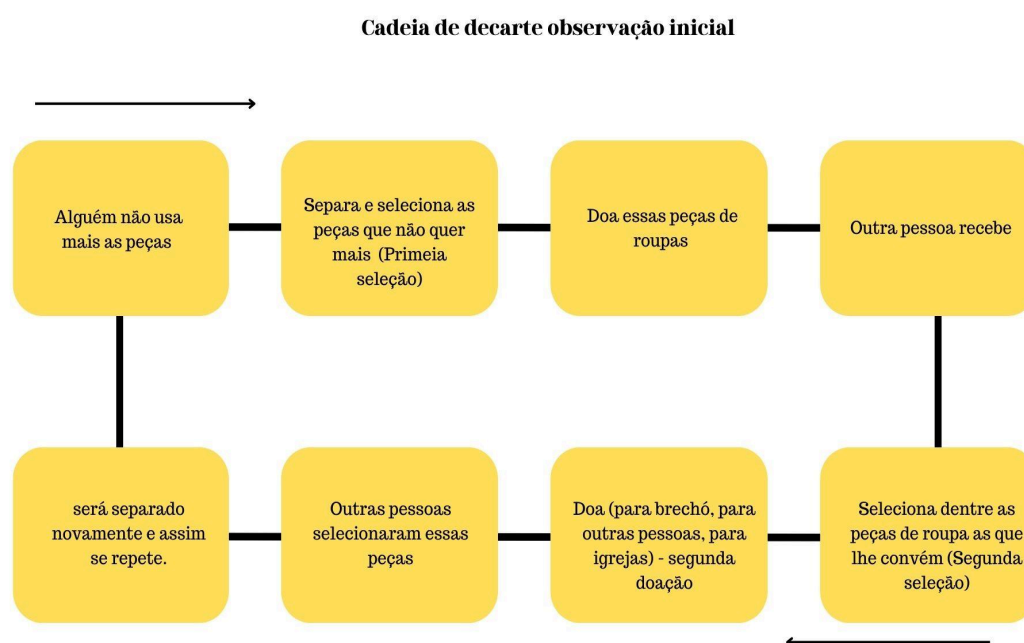
E voltando para a *roupa usada* - ela é mercadoria porque possui um valor de uso intrínseco e no circuito de troca ela pode ser trocada por dinheiro ou por outra coisa. Seu valor de uso se altera se ela está sendo trocada nos brechós da feirinha ou no bazar da igreja, ou quando circula entre familiares e amigos. Só que nesse processo que estou observando, essa mercadoria seria o que o Kopytoff (2008) diz ser uma troca marcada por relações de reciprocidade e que então torna esse mercado uma exceção. Sendo assim, estabelecendo que a ideia de mercadoria trabalhada nesta dissertação parte do conceito trazido pelo autor em questão, no qual nos diz que o que faz uma coisa ser mercadoria é quando essa coisa tem valor de uso e que tem a possibilidade de ser trocada por uma contrapartida numa transação descontínua. Assim, essa mercadoria seria algo que tem valor de uso e que pode ser aquilo que se dá em troca de algo e que essa troca tem um fim em si - tendo como objetivo obter o valor do que ele chama de contrapartida, ou seja, não abre margem para outra modalidade de transação.

Só que é interessante refletir essa questão, se o contexto vai ditar se essa mercadoria é ou não exceção. Já que nos brechós da feirinha ou no Baú de Luxo a finalidade principal e imediata da transação é de obter o valor da contrapartida - mesmo que aqui também em algum momento se estabeleça relações de reciprocidade. Diferente da relação estabelecida no brechó da trindade (Igrejinha) ou na cadeia de troca entre familiares e desconhecidos ou no bazar

entre amigas, no qual o valor de troca não é a finalidade principal, já que nesse contexto se opera a partir da reciprocidade.

Dito isso, no item 1.1 descrito anteriormente a cadeia iniciou com uma morte e dentro dela (me colocando como participante desse ciclo) o sentimento de lembrança é quase como um presente para quem ainda permaneceu vivo. A partir desse movimento podemos pensar nesse trajeto, no qual as peças de roupas e as pessoas se misturam, é uma cadeia das próprias pessoas porque o objeto roupa tem sua agência, mas as pessoas também agem sobre ele. Alguém não usa mais as peças - separa e seleciona as peças que não quer mais - doa essas peças de roupas - outra pessoa recebe - seleciona dentre as peças de roupas as que lhe convém - doa (para brechó, para outras pessoas, para igrejas) - outras pessoas selecionaram essas peças - será separado novamente e assim se repete. Como resultado temos a cadeia de descarte que chamei de inicial e ampla:

**Figura 4 - Cadeia de descarte observação inicial**



(Fonte: Elaborado pela autora)

Por fim volto para Malinowski (1978) que a partir da sua pesquisa, transcrição e análise do Kula, serviu como base para que durante o processo e caminho das minhas

observações pudesse refletir: primeiramente perceber que o comércio e troca de *roupas usadas* estavam além de uma noção inicial de uma troca comercial, no sentido de venda e compra. E segundo, a partir dessa análise foi possível ampliar essa cadeia de troca descrevendo suas regras e características, e através do seu mecanismo pelo qual a troca, a circulação e a venda se apresentou para mim como uma instituição vasta com sua complexidade (Malinowski, 1978, p. 74). Portanto, é desse lugar que estou pensando o Kula e o articulando com o que observei no campo em que estive inserida. Percebi nesse caminho como o mercado de troca em Florianópolis é um emaranhado de relações e que em cada processo tem seus signos. A *roupa usada* ao mesmo tempo que carrega tantos significados - memória, história, encantamento, subsistência, pertencimento e etc- em algum momento ela será alienada - despida dessa mágica para se tornar outra coisa ainda que continue sendo uma roupa ou ainda para poder justamente adquirir novas relações.

Neste instante vamos adentrar um pouco mais nesse emaranhado de relações que observei durante o campo, numa espécie de costura fluida para materializar esse mercado de troca da cidade. Porque apesar dessa roupa ser, em certa medida, alienada, ainda assim a magia dessa está justamente nas práticas e em suas relações: dona L.<sup>7</sup> que cuida do brechó da igreja há 20 anos e suas voluntárias que envolve a solidariedade, que nesse processo ao dar uma nova vida para uma coisa que não tem mais utilidade para outras pessoas arrecada fundos para o projeto das crianças; A Kt. que ganha roupas de seus amigos e vizinhos, as lava e traz para a Feirinha da UFSC<sup>8</sup> com o intuito de pagar seu aluguel ou ainda AL. que criou o Kula - Brechó que exerce várias funções e práticas: garimpar, lavar, arrumar algumas falhas, organizar e vender essas peças de roupas usadas. Agora que já apresentei o esqueleto para adentrarmos na carne e no sangue (Malinowski, 1978) ou melhor, agora que já foi apresentado o croqui dessa peça de roupa, vamos para os tecidos e linhas.

---

<sup>7</sup> Como parte da metodologia e por questões éticas decidi não usar o nome completo das interlocutoras que estive em contato, então todos os nomes serão abreviados com as primeiras letras do nome e um ponto.

<sup>8</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

## 2 UM EMARANHADO

Marcel Mauss (2003) evidencia que a dádiva seria o oposto da troca mercantil, ao mesmo tempo, em que nos apresenta a essência da reciprocidade, na qual a coisa dada não seria uma coisa inerte, ou seja, não implica somente a obrigação de retribuir, mas também a obrigação de dar e receber (Mauss, 2012; Sabourin, 2008). Sendo assim, partindo do primeiro ponto mencionado anteriormente os locais onde andei, vi e observei num primeiro momento poderíamos dizer que não haveria dádiva, já que são ambientes nos quais acontecem trocas mercantis, se pensarmos superficialmente, sim, é um ambiente com essa característica já que é vendido e às vezes comprado peças de *roupas usadas*, mas quando analisados a fundo a circulação de *roupas usadas* acaba passando por momentos de dádiva - no qual a troca ou o dar receber e retribuir está presente.

Por exemplo, quando as pessoas doam suas peças de roupas para o brechó, esse as recebe e vende essas peças, por fim redistribui doando o que arrecadou ou doando as peças que sobram. Esse movimento acaba sendo mais claro na cadeia de trocas entre familiares - no qual um doa - um recebe - e esse mesmo que recebe redistribui doando. Claro que aqui o objetivo como dito no capítulo um não será analisar a fundo o processo de tradução dessas peças, assim como também não tenho a pretensão de desvendar a dádiva que encontrei no caminho, entretanto ela estará presente no decorrer das próximas páginas.

Tentarei mostrar que a magia das roupas (Stallybrass, 2013) se encontra em todas as práticas que acompanham esse circuito de trocas e pensar o que movimenta isso tudo. Tem muitas maneiras de fazer isso: tem a pessoa que morreu; tem a roupa que não uso mais; tem a criança que cresceu; tem gente que faz isso ocasionalmente; tem gente que faz isso o tempo todo. Será possível também constatar que a doação aparece em todos os diferentes campos que escreverei mais adiante, sendo possível pensar como essa doação implica uma tradução de certas qualidades pessoais das peças, uma despersonalização para poder ser usada por outras pessoas, sendo assim ela também pode criar novos laços entre quem dá e quem recebe, ou de quem vai mediar essas trocas, gerando novas qualidades simbólicas que se unem e caminham com essas peças de roupas.

Então, neste segundo momento do trabalho, realizei oito meses de andanças, percorrendo por partes da cidade numa tentativa de enxergá-la por suas entranhas, entendendo que seu conhecimento é um conhecimento que acontece e é produzido pelos percursos (Silva, 2009, p. 174). Andanças essas que me fizeram entender como a *roupa usada* percorre a cidade de diferentes formas nos brechós, na feirinha, na minha família e num bazar entre amigas. A partir de agora começamos a observar não só um processo de mercantilização - de produção de um mercado de roupas usadas - e muito menos um processo que o reduza apenas ao seu aspecto econômico de coisa, mas também nos voltaremos para sua dádiva (Mauss, 2012) que envolvem outras práticas e relações.

**Figura 5 - Feirinha da UFSC- Trindade, Florianópolis (SC)**





(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

## 2.1 A troca - Bazar das Amigas

*26 de março de 2022 - Florianópolis*

*A entrada em campo, oficialmente, se deu no dia 22 de março de 2022, naquele momento sabia que eu deveria seguir a roupa, só que ainda estava com dificuldades de entender como realizaria isso. Foi nesse primeiro campo que observei algumas coisas que se repetem ao longo de todo o trabalho de campo. Naquele momento estava no final do curso de produção de moda que, como comentado anteriormente, foi uma das partes importantes para que eu decidisse estudar roupas na antropologia. Fui convidada para um Bazar café, realizado entre amigas há uns cinco anos. Aceitei pensando na experiência e também*

*pensando na pesquisa, nesta pesquisa. Enxerguei como uma possibilidade de entender como funcionava a dinâmica nesse espaço diferente do que já conhecia de memória nos brechós.*

*Após aceitar o convite foi criado um grupo para decidirmos o local, o dia e quem conseguiria ir. Ficou decidido que seria realizado num sábado à tarde às 16h no salão de festas do condomínio da anfitriã, vamos chamá-la de C. nesse primeiro momento. Era um sábado, o último do mês de março, combinamos de nos encontrar em sua casa, que fica em Florianópolis, mais precisamente no bairro João Paulo. Um dia antes de ir para o bazar, nossa única (principal) função era separar peças que não tínhamos mais interesse e levar. Separei uma calça jeans, um macacão jeans e um tênis vermelho bordô que ganhei de uma amiga que não usava mais e em conjunto esse momento de troca também temos a parte de partilhar alimentos, estou levando um bolo para o café.*

*O salão de festas é muito grande, um dos maiores que já vi, possui uma área externa com muitos vasos grandes com pequenas árvores cobertas por pedras, dessa varanda é possível ver o mar e o pôr do sol. Já dentro do salão ao entrar a primeira coisa que observo são as várias sacolas de roupas já expostas na bancada de cor marrom, ao olhar para direita tenho a visão da pequena cozinha e algumas mesas brancas e ao olhar para esquerda é possível ver uma mesa de sinuca e outra mesa branca com cadeiras azuis turquesas, mais para o meio do espaço estava a TV, um sofá grande e nas laterais poltronas esse seria o local que mais adiante seria realizado o bazar. Logo chegaram outras três mulheres e decidimos comer para esperar as restantes. Em volta das comidas expostas na bancada da cozinha nos conhecemos, dentre elas conhecia M. (minha professora no curso de produção e amiga da anfitriã do bazar), C. (a anfitriã) e I. (que foi minha colega no curso de produção), conversamos sobre a vida em geral. Uma das convidadas achou que éramos todas da moda e esclarecemos que não. Após comermos um pouco e conversarmos sobre assuntos como maternidade, carreira, relacionamentos e saúde mental já haviam se passado algumas horas e a última convidada chegou. Éramos sete mulheres de várias idades e uma criança com um ano.*

*Primeiro organizamos a pequena sala colocando todas as sacolas na mesa de centro, eram mais de 10 sacolas com roupas, inicialmente a C. nos explicou como funcionava, cada uma apresentaria suas peças, uma forma de convencer as outras a escolherem, as que ninguém se interessasse seriam separadas em outro saco para doação. Então, C. como anfitriã foi a primeira a apresentar as suas peças. O curioso foi que ela começou apresentando as peças falando “ó gente são roupas bem velhinhas”, mas boa parte das peças alguém sempre pegava. O mecanismo usado para escolha das peças era como se estivéssemos em um leilão, era só levantar a mão, caso mais alguém levantasse junto a peça era separada para sorteio entre as partes no final. Isso aconteceu, por exemplo, com a primeira peça apresentada pela anfitriã, era uma bolsa marrom caramelo mais ou menos de tamanho médio e o primeiro adjetivo que ela usou foi “é de couro” isso foi suficiente para que umas três mãos levantassem, inclusive a minha. Assim a bolsa foi separada para depois ser sorteada.*

*Prosseguimos com C. apresentando outras peças, dessa primeira amostra eu já estava com quatro peças, duas camisetas (descritas por ela como masculinas) e dois vestidos, um deles já havia passado por outros bazares como esse por suas outras amigas, depois de suas peças também apresentou as peças da sua amiga que não estava presente. Além de roupas, pode-se levar outras coisas como, por exemplo: alicate de unha, protetor solar, copos, etc. e algumas pessoas pegam alguns desses itens. Quando chegou a minha vez, fui rápida, por levar somente três peças, no meu caso somente uma peça foi escolhida pelas presentes, o tênis. Já as outras duas não foram escolhidas por conta do tamanho e acredito que por conta do estilo também.*

*Durante as apresentações das peças riamos bastante por conta de algumas características das peças que apareciam e os adjetivos usados para convencer as colegas de levá-las. Por exemplo: justificar que aquela peça poderia ser usada para fazer faxina ou que aquela peça era para baile, etc. Outra questão que observei era que às vezes a pessoa pegava a peça pensando em terceiros, mãe, namorado ou levava peças de terceiros também. No final*

*das apresentações terminei com nove peças e partimos para o segundo momento que é o povo provando para ter certeza das peças que levaria, por exemplo, acabei desistindo de duas peças - um vestido listrado preto e branco, e uma calça marrom lisa. O terceiro momento foi para as peças que tinham uma disputa no qual tínhamos que nos lembrar quem tinha levantado a mão para fazer o sorteio, um fato curioso é que nesse momento é que várias desistiram da disputa por já estar com peças demais ou por não achar quem estava disputando a peça em questão. Era como se esse período fosse suficiente para fazer com que mudasse de ideia sobre aquela peça. O sorteio era em par ou ímpar ou dois ou um dependendo da quantidade de pessoas.*

Após essa primeira saída de campo pude constatar como essa estrutura do bazar funcionava, apesar de ele ter um início e um fim, diferente do que será observado nos brechós. Ele era uma forma de mercado, aqui não envolve dinheiro, somente a troca, mas é possível observar regras implícitas e explícitas sendo uma iniciada nesse ambiente. As regras, eram: todas as pessoas tinham que levar alguma peça de roupa, acessórios, calçados, qualquer objeto que não lhe servia mais; ou o fato de só serem convidadas mulheres cis e amigas da anfitriã. Outra regra, não tem limite para a quantidade de peças que você leva para a troca e a quantidade que você leva para você. Além disso, todo esse movimento de troca acontece em conjunto com a comida levada pelas participantes. Aqui temos uma parte da cadeia do mercado de troca que encontrei na cidade.

Você seleciona as peças de roupa que não lhe servem mais - em vários aspectos, não só na questão do tamanho, por exemplo - as peças não precisam ser suas especificamente. O importante é levar peças para serem trocadas. Tanto é que algumas que foram levadas já tinham passado por algumas das mulheres que estavam ali, já que elas fazem isso há cinco anos. Um detalhe importante para pensar os possíveis caminhos que essa *roupa usada* pode fazer, nesse contexto, é um movimento semelhante ao que vai acontecer no Kula, em que os braceletes e colares estão de passagem pelas aldeias, se olharmos para as trocas, numa

duração mais longa. Sendo também possível pensar o oposto - essas roupas provocam também uma seleção de pessoas a se encontrarem, trocarem comidas, conversas, etc.

Retomamos a dádiva. Esse movimento de trocas de objetos e relações é semelhante também com o trecho em que Tsing (2022) nos mostra a relação construídas entre catadores, compradores e cogumelos na qual “os catadores comem e bebem sentados ao redor das tendas dos compradores, onde compartilham experiências comuns de guerra (...)” (2022, p. 141), neste contexto do bazar de troca as trocas são com relação às vivências de mulheres no mundo: trabalho, carreira, relações, entre outras coisas.

## 2.2 A triagem - Bazar/brechó da Igreja da Santíssima Trindade

**Figura 6 - Feirinha da UFSC- Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

*26 de abril de 2023 - Florianópolis*

*Para chegar no Bazar saindo da UFSC, passamos em frente a Biblioteca Pública, seguimos reto, atravessamos a rótula e uma praça, após isso é possível avistar a Igreja que de pequena só possui o apelido. Por outra rua, agora de ladrilhos, o portão está aberto, pois a igreja usa seu pátio como estacionamento. Não há ninguém ali para perguntar alguma*

*coisa, entro e como já havia ido uma vez lá, sei que o brechó se encontra no final do terreno. Ao chegar lá, aproveito e tiro uma foto (figura que inicia esse item). Na placa presa ao pequeno portão branco que diz “Pastoral da Solidariedade” abaixo o horário do brechó e os horários de funcionamento. Após esse portão, levanto a cabeça e olho para cima, tem uma cobertura e é possível ver uma placa já desbotada que diz - BRECHÓ - em letras maiúsculas. Entro lentamente, é um lugar com praticamente nenhuma luz, pelo menos nesse primeiro momento. Ao meu lado direito tem um sofá preto de três lugares com uma folha A4 escrito 50,00 reais, alguns colchões também dividem esse espaço. Ainda no lado direito é possível ver uma porta que permanece entreaberta, parece uma copa. Já do lado esquerdo temos duas portas (todas em tom marrom escuro, o que acaba deixando o ambiente mais escuro). Entre elas, temos uma mesa e em cima um forno elétrico com uma folha branca também escrito 50,00 reais. Na segunda porta - a que fica próxima à segunda entrada do brechó - tem um espaço com muitas roupas, sacos e sacos. E então finalmente entramos no brechó (...)*

Vale destacar que realizei algumas visitas em brechós da cidade, como o Brechó Baú de luxo<sup>9</sup>, o Brechik<sup>10</sup>, mas aqui destacarei as duas que realizei no brechó da Trindade ou brechó da igreja: essa mencionada anteriormente do dia 26 de abril de 2023 e a outra no dia 12 de maio de 2023 no qual acompanhei um evento muito conhecido pelos frequentadores e compradores denominado “Brechó Especial”. Essas duas saídas de campo foram suficientes para conseguir realizar observações e conversar com dona L. e dona A. que explicaram e trouxeram importantes detalhes para pensar como se dá a circulação de roupas usadas num Brechó como o da Trindade, no qual se recebe doações o tempo inteiro, que está vinculado à pastoral da solidariedade, tendo um envolvimento com outras questões de solidariedade que seriam os projetos - como o da cesta básica. Foi justamente essa diferença que me fez escolher o que do mapeamento entraria ou não agora no momento da escrita.

---

<sup>9</sup> Brechó que fica localizado no calçadão João Pinto no centro de Florianópolis - Inicialmente esse foi o primeiro brechó que visitei que fica no centro da cidade, mas como a pesquisa foi mudando seus caminhos fiz a escolha de não dar destaque para ele.

<sup>10</sup> Brechó criado em 1984 que fica localizado em Tv. Jornalista Oswaldo Mello 76, Florianópolis, SC, [Loja online de Brechó Brechik - Nossa História \(brechobrechik.com.br\)](http://Loja online de Brechó Brechik - Nossa História (brechobrechik.com.br)) - Acessado dia 30 de novembro de 2023

E foi assim que entrei no brechó da igreja/ bazar da trindade/ brechó da trindade pela primeira vez como Antropóloga. Quando pensamos em brechó, acredito que essa é provavelmente a imagem que nos vem à mente. Como descrito no capítulo dois, item um do trabalho de conclusão da Valentina L. Bittencourt que realizou sua pesquisa na cidade de Porto Alegre - intitulado “Traços comuns: o que esperar de um brechó” (2013) ela vai trazer um trecho que descreve muito bem o brechó da trindade

“Talvez a impressão mais marcante ao entrar em um brechó é a de que há um volume excessivo de peças expostas: a grande maioria dos locais parece menos do que o adequado para comportar o acervo. Há pouco espaço para manusear as roupas nas araras e entre elas; cabides pendurados nas paredes internas e externas dão destaque algumas peças (em geral casacos e vestidos)(...)” (p. 27)

Foi nesse dia que conheci Dona L. - uma senhora de pele branca que estava usando uma blusa azul clara florida, cabelos curtos meio loiros, óculos de grau e máscara de pano - nesse mesmo dia descobri que é coordenadora do espaço e cuida do caixa. Me apresentei, expliquei brevemente qual o meu objetivo ali e perguntei se poderia ser voluntária no brechó. Ela me disse que normalmente não pode aceitar voluntários assim e que teria de ver com o Frei, mas que não teria problema eu estar ali para fazer observações. Neste momento observo o espaço que apesar de abarrotado de coisas é amplo. No caixa, uma mesa branca com um vidro por cima é possível ver uma TV na parede que está desligada e fazendo parte do conjunto temos quadros de alguns padres e do papa, assim como imagens de santos. É um espaço na cor amarela, a mesma do lado externo do prédio, é iluminado por duas janelas grandes que ficam do lado direito quando entramos e por luzes brancas no teto.

Onde encontramos as janelas é um espaço que diz “entrada proibida”, no qual é possível visualizar um amontoado de peças de roupas dobradas (calças principalmente), algumas caixas abertas com sapatos, outras fechadas, algumas pilhas de livros. Tem uma caixa que diz “Sapato infantil + antigo” (Figuras abaixo) - é um espaço que me pareceu reservado para colocar as coisas doadas para realizarem a triagem<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Numa segunda visita Dona A. (voluntária) me leva para conhecer esse espaço que é o seu espaço.

**Figura 7 - Brechó da trindade Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

**Figura 8 - Brechó da Igreja- Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**



Então temos três corredores: no primeiro, do lado direito, estão os calçados na parte de baixo do móvel branco, de tamanhos variados, cores e tipos. Em cima, ficam algumas peças de roupas masculinas, bermudas e camisetas. Separados por uma madeira marrom temos as roupas de cama que estão num bolo umas sobre as outras, depois temos outra madeira e temos calças jeans masculinas. Agora o móvel do lado esquerdo, que no caso fica no meio do espaço, são camisetas espalhadas de vários tamanhos, formas, cores. No outro móvel igual a esse ao lado temos mais blusas. Aqui, boa parte de manga curta e regatas (Figura 9 e 10).

**Figura 9 e 10 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

Ao andar pelos corredores descobri que esses móveis possuem um lugar como um baú que está também preenchido de roupas com algumas etiquetas coladas que falam “Infantil verão” (Figura x). No final do espaço, é possível ver dois móveis brancos que parecem terem sido planejados para aquele ambiente. Do lado esquerdo, temos as calças jeans e do lado direito, acima, temos um quadro da Madre Teresa de Calcutá<sup>12</sup>, separado por uma porta com os dizeres “Entrada Restrita Às (aos) voluntárias (aos)”, temos mais um amontoado de peças de roupas (figura 12).

---

<sup>12</sup> É uma Madre da congregação missionários da caridade que nasceu em 26 de agosto de 1910, foi canonizada pelo Papa Francisco em 4 de setembro de 2016.

Ainda no lado esquerdo - aqui pensando que estou entrando no espaço - temos uma porta marrom vazada com outro papel colado que diz “Ateliê da Maria” e depois temos algumas peças de roupas penduradas nos cabides. Percebi que são os vestidos de festa e casacos mais pesados (Comum nesses espaços como demonstrado no trecho anterior). Depois da arara, ainda temos mais um armário com vários brinquedos, algumas caixas com toucas, umas com meias, tudo de frio. E então temos um espelho. Na lateral desse armário branco com os brinquedos, encontrei uma tabela de preços que diz “Brechó Especial”.

**Figura 11 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

**Figura 12 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)**



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

Enquanto anotava essas informações, também dava uma olhada nas peças de roupas. E observei que nesse período que estive ali (em torno de uma hora), boa parte das pessoas naquela sala eram mulheres. Enquanto isso, observo uma mulher - branca de cabelos escuros, que usa uma blusa rosa com uma calça jeans escura - que decide sentar-se no chão e olha com muita atenção cada peça que havia garimpado no meio de tantas, boa parte são casacos infantis. E outra mulher que chegou recentemente - que usa um vestido branco midi com estampa de coração, de pele negra, pergunta “Está pagando seus pecados amiga?” E essa que estava sentada ri e diz alguma coisa que não consigo entender. Olha para mim e sorri. Fala para si que o zíper da peça está estragado e que tem outra peça que está muito suja. Nesse momento já consegui perceber que tem algumas pessoas que se conhecem e frequentam o espaço muitas vezes, porque elas sabem o que tem ali e onde encontrar. Olhando mais as roupas, pegando-as, percebo que tem roupas bem mais usadas e outras nem tanto, só que é bem diferente do Baú de luxo. Por exemplo, que fui ao último campo.

Quando me encontrava novamente na entrada do brechó, vi um homem branco que chegou com coisas nas mãos e disse para dona L. “onde deixo isso?” - eram doações e ela respondeu que poderia deixar ali no caixa mesmo. É assim, a pessoa chega com qualquer coisa e deixa com elas. Além de roupas, é possível encontrar de tudo, brinquedos para as crianças, banheira infantil, DVDs e CDs antigos, livros e utensílios de cozinha. Decidi então ficar um pouco próxima do caixa para entender a dinâmica de compra e precificação, já que nada ali tem preço - novamente diferente do Baú de luxo. E boa parte das compras saem 10 reais por peça e normalmente as pessoas levam 25, 34, 50 reais. Acompanho a moça que comentei anteriormente sentada no chão, chega no caixa e fala que os casacos estão sujos e a dona Luzia diz: “tem água não?!” - Só que é uma conversa em tom de brincadeira - No final o moletom que custaria 10,00 reais, por conta do problema do zíper, custou 5 reais.

Sobre a organização, observei que uma das voluntárias organiza as peças - não as dobra - só as deixa esticadas na mesa. Nesse contexto, tem uma senhora de cabelos brancos e pele branca, que está na minha frente, que também organiza as peças. Observo que ela é cliente, mas pelos comentários costuma sempre realizar a tarefa enquanto escolhe alguma roupa para comprar. É possível perceber um silêncio no ambiente. Até o momento em todos os brechós que visitei existe um silêncio. Quando vai dando quase 16h30 - o horário que fecha- decido conversar com a dona L. que trabalha no caixa.

São 30 voluntárias - algumas estão ali há 20 anos. Antes de dona L., que coordena o espaço há 20 anos, o local era cuidado por duas irmãs (freiras). Boa parte das voluntárias frequenta a igreja (nem todas são católicas). As voluntárias são separadas em grupos e cada grupo vem num período e dia da semana. Dona L. explicou que se organizam assim: o grupo de voluntárias vão a cada dois dias, um de manhã e um à tarde (terça e quinta-feira), os outros dois só na parte da tarde (quarta e sexta-feira), então nas segundas-feiras e nas quartas-feiras se organiza as peças que chegaram e também se avalia algumas outras que não servem mais para venda que serão doadas. Nesses dias se realiza a triagem, já que não avaliam essas doações no momento em que recebem. E dentro dessa triagem vão retirar algumas peças para doações que de acordo com dona L. são peças de roupas que não podem ficar muito tempo

paradas porque se tornam obsoletas. O brechó fecha às 16h30, mas ainda permanecem ali organizando tudo até às 18h. Outra regra é que as meninas - como dona L. chama as voluntárias - são proibidas de passar valores para as pessoas, ela que normalmente avalia a peça.

“Não tem problema nem comprar para revender, mas azar de quem vai comprar desses outros lugares, porque eles vendem pelo dobro do preço e são roupas usadas.”  
- dona L.

Perguntei para a dona L. como ela enxergava as pessoas que compravam ali e ela me disse “normalmente as pessoas compram para si, para vender, para doar”. As peças são avaliadas de 2 a 10 reais, tirando as que estão nos cabides que saem um pouco mais caras - a questão dos preços dessas peças é importante para entender porque o Brechó da Trindade passa a ser um lugar também de garimpo, que será abordado no item 2.3 deste trabalho. Enquanto conversávamos, ela disse que naquela semana um pessoal da C&A<sup>13</sup> esteve ali, pelo que foi possível entender, era para orientar na organização do brechó - e dona L. disse que não adiantava. Em suas palavras, “aqui é povão”. Continuou falando que pessoas que compram ali dizem que se sentem confortáveis, já que em outros brechós não se pode nem tocar nas roupas direito. E completa dizendo para que eu olhe ao redor, não tem como manter arrumado sempre, e nesse momento ela faz uma reclamação que as pessoas não enxergam aquele lugar como um trabalho, não sabem o quanto exige organizar tantas peças de roupas.

No tempo em que passei ali vi alguns homens, mas boa parte são mulheres comprando, ela falou que, por exemplo, tem pouquíssimas roupas masculinas, principalmente calça, tendo mais camisetas. Essa parte com relação a homens e suas peças de roupas corrobora com os dados coletados na pesquisa apresentada no item 1.2 na qual foi possível constatar que a circulação de roupas usadas nesse contexto se dá mais entre mulheres.

---

<sup>13</sup> **C&A** é uma cadeia internacional de lojas de vestuário. No Brasil, é uma das maiores redes de lojas de departamento do país e a décima segunda maior empresa varejista, segundo ranking do Ibevar de 2012.

### 2.2.1 O Brechó Especial

Dona A. foi a segunda pessoa com quem conversei durante o campo realizado no brechó da Trindade, ela me explicou como funciona a preparação para o Brechó Especial. Um evento que acontece algumas vezes no ano no qual o brechó separa as melhores peças para vender a preços um pouco mais caros do que normalmente praticam. Nos dias em que antecedem o evento elas estocam essas roupas especiais, as que não serão vendidas em nenhuma das opções vão para algumas entidades daqui de Florianópolis e do interior. E, além disso, toda última segunda-feira do mês o brechó é aberto apenas para doar as peças de roupas que não tem como serem vendidas.

Consoante a autora Valentina Bittencourt (2013) os brechós seriam divididos em três tipos: Brechós-para-todos; Brechós-para-muitos; Brechós-para-poucos. E dentre esses o Brechó/Bazar da Igrejinha se encaixa perfeitamente no que Layser denomina como Brechós-para-muitos, segundo a autora a característica principal desses locais seriam “Administrados por entidades assistenciais religiosas com seus acervos formados exclusivamente por doações. (...) e surgiram como forma de arrecadar fundos para manutenção destas entidades e, de alguma forma, estender sua atuação” (p. 39). Em resumo, o brechó da Trindade se encaixaria nessa categoria, como é possível observar através da fala de uma das voluntárias que conversei<sup>14</sup> quando me explicar do porquê um brechó vinculado à igreja vende as peças de roupas doadas e não as doa simplesmente, já que muitas pessoas às vezes trazem suas doações e pedem para não serem vendidas:

“O frei falou uma coisa para nós que me deixou assim - fez uma expressão com as mãos como algo que encantou e surpreendeu ela - ‘Vocês parem e pensem qual é o valor do trabalho de vocês? Vocês estão trabalhando com aquilo que a pessoa não quer mais, se a pessoa doou ela não quer mais’ e isso tem sentido, ‘e vocês mexem nisso, reciclam, organizam, vocês fazem dinheiro com isso e esse dinheiro vai para as crianças, para os projetos sociais e as crianças que mais precisam’ então isso dá

---

<sup>14</sup> Essa conversa aconteceu numa segunda visita ao brechó no dia 12 de maio de 2023 na qual acompanhei o Brechó Especial que acontece várias vezes ao ano, como uma maneira de esvaziar o estoque de roupas e também arrecadar fundos. Nesse evento já temos uma tabela de preço específica, toda a organização do espaço é feita de outra maneira da que foi descrita anteriormente.

um gás para a gente. Você não tem ideia.” - Dona A., voluntária do brechó há 25 anos.

E enquanto dona A. me levava até o seu “cafofo” foi falando, mostrando e explicando cada parte do brechó, comenta que as segundas-feiras são as mais trabalhosas, ela disse que por conta da demanda de muita doação, elas tiveram que aumentar o número de voluntárias. “São muitas roupas, muitas, muitas roupas, principalmente de mulher, blusinha de mulher, calça bastante, muita calça.” Mas comenta que com relação a roupas masculinas não recebe muitas, tanto é que não possui estoque e termina a frase dizendo “Homem não doa”. Nesse meio tempo chegamos ao seu cafofo (figura 13) que me explica que sabe tudo que está guardado ali e que possuem uma ordem e que ela cuida desse espaço há muito tempo.

**Figura 13 - Brechó da Igrejinha- Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

Neste dia observo dois movimentos que se repetem: primeiro as pessoas pegam variadas peças de roupas literalmente jogando-as nos sacos de lixo, segundo vão para cantos aleatórios do espaço para então fazerem a triagem dessas peças. Então até esse momento temos ao longo do caminho algumas práticas realizadas por variadas pessoas - que irei chamar de garimpo (termo usado no campo) ou curadoria (termo que pensei em conjunto com meu orientador) ou triagem (termo que apareceu em campo).

A primeira triagem dessas peças começou na casa de alguém, depois esse alguém levou suas roupas num saco ou sacola até o brechó da trindade - quando chegou ali foi recolhido por dona L. ou alguma das voluntárias e então numa segunda-feira ou quarta essas peças passaram por uma nova triagem/curadoria sendo separadas como ideais para o brechó especial ou para o brechó de todos os dias - após esse processo no encontramos nesse momento que descrevo para vocês, essas peças passarão por uma variação da triagem realizada anteriormente agora sendo uma espécie de triagem/garimpo - para serem vendidas ou usadas para consumo próprio - até novamente passarem por uma nova triagem e serem doadas.



**Figura 14 e 15 - Brechó Especial- Trindade, Florianópolis (SC)**



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

**Figura 16 - Brechó Especial - Trindade, Florianópolis (SC)**

PRODUTO	VALOR
Froneira	R\$ 5,00
Escova de Lã	R\$ 5,00
Algodão e Lã	R\$ 20,00 a 50,00
Algodão e Poliéster	R\$ 15,00 a 20,00
Molha	R\$ 5,00
Meia	R\$ 20,00
Talco	R\$ 15,00 a 20,00
Bolsa de Lã	R\$ 10,00 a 30,00
Bolsa de Lã (alg)	R\$ 5,00 a 10,00
Saco	R\$ 15,00
Solha	R\$ 10,00 a 15,00
Rebete Fino	R\$ 15,00 a 20,00
Rebete Médio	R\$ 30,00 a 55,00
Rebete Grosso	R\$ 30,00
Top de Lã	R\$ 10,00
Meia	R\$ 10,00 a 30,00
Meia	R\$ 10,00
Meia	R\$ 20,00 a 50,00
Meia	R\$ 15,00 a 30,00
Meia	R\$ 30,00 a 40,00

(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

Trago novamente Anna Tsing (2022) para pensar a categoria - Triagem - que aparece em vários momentos nas conversas que tive nas idas a campo. A autora nos relata como funciona o “Open Ticket” que seria “uma prática de criação e afirmação de liberdade, tanto

para catadores quanto para compradores” (p.132). É nessa prática que acontece a performance da venda dos cogumelos entre os catadores e compradores. Nos relatando que saber classificar variedades é tão importante quanto os preços, estamos diante da “arte da classificação” já que “um bom avaliador entende os cogumelos só de tocá-los” (p. 140). Porém, após os caminhões levarem esses cogumelos encaixotados para os armazéns de varejistas no Oregon em Washington, e em Vancouver, na província da Colúmbia Britânica - nesses lugares os cogumelos são classificados novamente por trabalhadores comuns, é justamente por isso e por não terem qualquer conhecimento ou interesse com relação aos cogumelos que podem “purificá-los” para assumirem a forma de estoque sendo assim “a liberdade que trouxe os cogumelos para o armazém é obliterado nessa nova classificação. Agora os cogumelos são apenas bens, organizados por estágio de maturação e por tamanho.” (p.199). Até chegarem no Japão onde serão novamente disputados e classificados, alguns serão comercializados e os melhores serão separados como presente para clientes especiais (dádiva). Da mesma forma que depois de comparados, são preparados como uma comida especial retornando também ao estado de dádiva ao serem alimento, assim “o Matsutake é então uma mercadoria capitalista que inicia e encerra sua vida como uma dádiva” (p. 200).

Agora pensando nesse movimento de dádiva e mercadoria, a triagem faz o papel de transformar as roupas em coisas possíveis de serem revendidas ou usadas, combinadas, etc. Neste caso entendo como essa prática recorrente dentro da cadeia de descarte num brechó, assim como as diferentes classificações que ocorrem com o cogumelo Matsutake, a triagem é feita o tempo todo, a ordem pode ser inversa da que a Tsing (2022) nos relata. Já que nesse contexto do mercado de troca, a primeira triagem não se tem a pretensão de transformar essas peças de roupas em mercadoria - nesse primeiro momento está embutido o ato de doar (dádiva), agora é na segunda triagem que talvez ela passe pela “purificação” descrita anteriormente. As voluntárias seriam como os catadores/ trabalhadores comuns que apesar de adquirirem técnicas e habilidades para identificar se uma roupa usada serve ou não para entrar na negociação do brechó especial, brechó comum ou para doação ao mesmo tempo, essa roupa está sendo transformada em uma coisa, uma mercadoria novamente e então num

terceiro momento temos os compradores dessas peças que entram nessa dança performática do que é possível revender ou ser usado ou ser doado novamente estabelecendo relações e passamos a enxergar sua dádiva novamente. Assim como os cogumelos que num período de algumas horas será traduzido e “transformado” em uma mercadoria classificada por maturação e por tamanho, a *roupa usada* que chega no brechó da igreja também, nessa triagem, passará por um período semelhante até que termine sua vida como dádiva. Essa seria a mágica da tradução.

Além disso, voltemos a pensar a relação dádiva e mercadoria. Foi interessante observar como o trabalho voluntário de triagem, ao mesmo tempo que agrega preços às roupas usadas a serem vendidas, também transforma a roupa usada doada para a igreja em outro tipo de dádiva (recursos para os projetos, etc.). Assim como relatou dona A, elas estão ressignificando algo que foi descartado, que não tinha mais sentido e passa a ter de volta sua mágica.

### 3 A SACOLA, A MALA E A MEMÓRIA - A FEIRINHA DA UFSC

Figura 17 - Feirinha da UFSC - Trindade, Florianópolis (SC)



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

05 de abril de 2023 - Florianópolis, UFSC

*Um dia ensolarado, quarta-feira, dia 05 de abril de 2023, sai do prédio do Centro de Filosofias e Ciências Humanas e segui, caminhando até o ponto central da UFSC onde fica a Reitoria I, um prédio grande com algumas figuras feitas de azulejos coloridos na parede. Normalmente é nesse ambiente que ocorre todas às quartas a feirinha. Essa é a primeira vez que encontro a Ana, não a conheço pessoalmente. Atravesso a rua e a primeira imagem que tenho são várias tendas azuis e araras espalhadas pela praça. Além de outros comércios, como a tenda de caldo de cana e outras que vendem alimentos. Enquanto circulava pela*

*Feirinha da UFSC e contava os números de brechós, percebi que em frente às tendas sempre vamos encontrar uma mala aberta, uma cesta, um balaio que custa cinco reais. As peças baratas estão sempre em destaque, o preço das peças varia de 5 reais até 200 reais. Só que boa parte fica em torno de 29,90 - 59,90. Tem várias histórias que circulam por ali. Tem cheiro de pastel frito, uma música toca próximo de onde se encontra AL. , música animada e dançante. Boa parte dos dias em que observei a feirinha havia em média 30 brechós, podendo variar para mais ou menos dependendo do dia ou do clima.*

Se você não conhece a Feirinha da UFSC tentarei lhe apresentar. É montada todas as quartas-feiras, principalmente em dias de sol na praça da Cidadania em frente ao prédio da Reitoria I. Acabei não encontrando uma data em que começou a acontecer a Feirinha da UFSC, porém é uma feira agroecológica que oferece legumes, verduras e frutas *in natura* ou processados, além de artesanato e produtos coloniais<sup>15</sup>. E em conjunto a essa estrutura temos os sebos e os brechós espalhados ao longo da praça. O pessoal normalmente chega na feira às oito da manhã para montar as tendas. E observando como os brechós estão expostos me lembrou a Argentina. Sentados na cadeirinha de praia. Araras brancas e tendas azuis. Boa parte deles não tem uma cobertura para se proteger do sol. Os que possuem uma tenda têm também mais volume de roupa. A grande maioria das pessoas que montam seus espaços são mulheres.

A feira em si foi se encaixando na minha pesquisa conforme fui andando por ela ou, na verdade, a minha pesquisa foi se encontrando nas andanças da feira, naquele espaço onde por um semestre pude acompanhar em várias quartas de sol, tendas, araras e cangas no chão preenchidas de roupas que haviam sido garimpadas. Fui enxergando que a mágica dessas peças de roupas usadas também se materializa naquele espaço. Ali, como no brechó da Igrejinha apresentado anteriormente, foi possível ver outras formas de Dádivas, pensando que falar sobre a Dádiva é falar sobre as relações que são construídas e estabelecidas nesses

---

<sup>15</sup> [Feirinha Orgânica já é tradição nas quartas-feiras da UFSC | \(wordpress.com\)/ Feirinha da Ufsc | Feira Agroecológica | Feiras e Feirinhas em Floripa \(guiafloripa.com.br\)](https://www.wordpress.com/Feirinha-da-Ufsc/) - acessados em 24 de novembro de 2023

espaços. Então mais uma vez enxergava o movimento de dádiva e mercadoria, agora passando por outro lugar.

### 3.1 O garimpar

Diferente do que abordei no tópico anterior, aqui vamos falar sobre a categoria Garimpo, porque se no brechó da Igreja acompanhamos e refletimos sobre a triagem, aqui vamos acompanhar e refletir sobre essa ação - Garimpar-. Se recordarmos as conversas anteriores, muitas pessoas usam os brechós-para-muitos (Bittencourt, 2013) para revender essas peças por um preço maior que os valores cobrados no brechó vinculado à pastoral da caridade<sup>16</sup>. Com a feira foi possível perceber uma certa linearidade no descarte e circulação dessas peças usadas, já que os brechós que conheci neste espaço acabam sendo um dos possíveis caminhos que essa roupa pode seguir nessa cadeia de descarte. Então nessa parte apresentarei alguns personagens que encontrei no caminho que me ajudaram a pensar como as relações são construídas com e por um objeto num outro contexto.

Não sei em que momento os brechós passaram a participar da cultura da Feirinha da UFSC, entretanto quando no início realizei o mapeamento aqui na cidade além dos brechós apareceram muitos eventos organizados pela comunidade ou a prefeitura denominados Feiras Culturais, nas quais temos essa mistura de alimentos orgânicos, produtos coloniais e roupas usadas, um exemplo é “As Manas Itinerantes”<sup>17</sup> que realizam feiras que reúnem expositores de Brechós da cidade, artesanatos, gastronomia e atrações, e como elas existem tantas outras ao longo de todo ano na cidade.

---

<sup>16</sup> De acordo com o site oficial a Pastoral da Caridade tem como finalidade prestar assistência às famílias mais necessitadas de bens materiais, minimizando seus sofrimentos pela falta de recursos mais elementares para o próprio sustento de forma digna e humana. [Pastoral da Caridade da Paróquia do Alto da Serra atende mais de 300 famílias – Diocese de Petrópolis \(diocesepetropolis.com.br\)](http://diocesepetropolis.com.br) - Acessado dia 01 de dezembro de 2023

<sup>17</sup> [Manas Itinerantes • Feira de Brechós de Floripa \(@manasitinerantes\) | perfil do Instagram](https://www.instagram.com/manasitinerantes/) - Acessado dia 25 de novembro de 2023

E enquanto me aproximava da praça da cidadania, andando um pouco, entre tendas azuis e araras, avistei uma garota de cabelos curtos pretos, pele dourada, shorts marrons-claro e uma regata também marrom só que mais escuro com uma arara de roupas e uma mala dessas de viagem aberta que dizia “kula” e uma folha branca A4 colada escrito só “R\$ 2,00 a R\$ 5,00”. Me apresento e lhe dou um abraço rápido. AL. estava comendo um pastel de queijo e tomando um caldo de cana. Estava com pressa, disse que poderíamos começar a conversar ali, só que não poderia me dar muita atenção.

AL. tem 22 anos<sup>18</sup> É estudante da quinta fase do curso de Ciências Sociais da UFSC e não é natural daqui de Florianópolis, nasceu e cresceu em Curitiba (SC). Possui seu brechó desde 2021, posta boa parte dos seus achados do Instagram com a conta [@kula.brecho](#)<sup>19</sup> Em sua bio está escrito “manter roupas, histórias e individualidades em constante movimento”.

Em nossa rápida conversa me contou que sua relação com roupas usadas vem desde a sua infância e adolescência na qual ganhava as roupas da sua irmã mais velha, já sua relação com os brechós também se deu nesse momento da adolescência, não soube afirmar quando, mas que foi por esse período que começa a consumir desses lugares. Destacaria dois pontos interessantes das duas vezes em que conversei com AL. o primeiro seria como ela enxerga essa peça de roupa usada que para ela essas peças de roupas tem uma história.

“Tem uma história assim, querendo ou não, carrega uma história. Então eu sei lá, tu olhas para uma peça. Tu não dizes que ela viveu tanto tempo. Às vezes tem peça vintage que com certeza tem mais de sei lá, 25 anos sabe?”

E novamente podemos pensar em como esse objeto é visto e pensado por quem o movimenta e é movimentado por ele. Enquanto é pensado como mercadoria é também pensando tendo alguma história acumulada, em que em seu trajeto estabelecerá relações ao mesmo tempo que dura é imortal e talvez aqui esteja sua magia (Appadurai (2008); Malinowski (1978); Stallybrass (2013)).

---

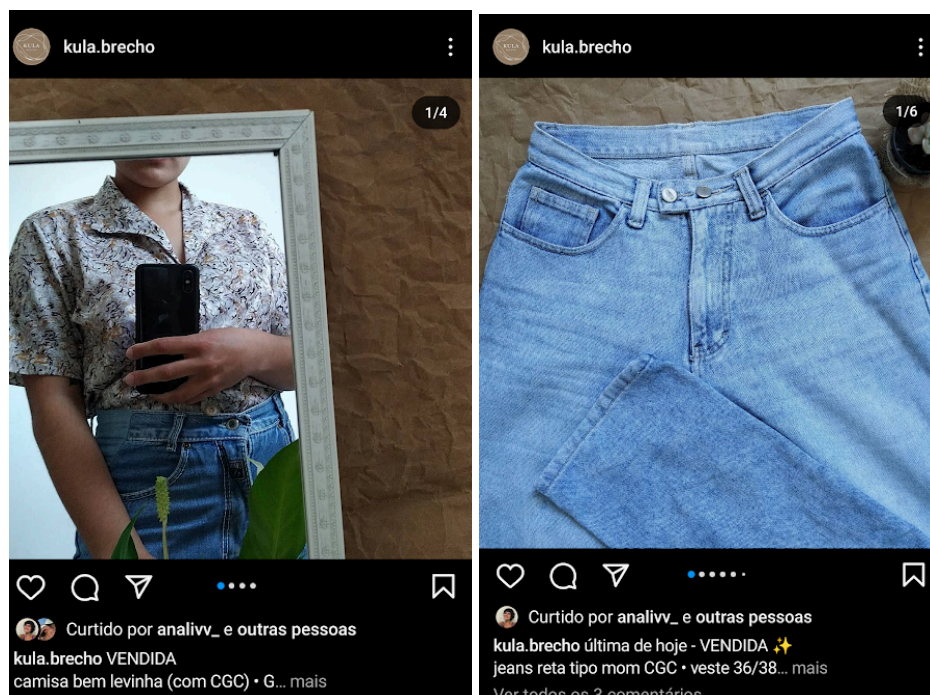
<sup>18</sup> Na época da entrevista Ana ainda tinha 21 anos e ainda tinha o brechó até o momento da escrita dessa pesquisa ela fechou o brechó por tempo indeterminado.

<sup>19</sup> [brechó kula \(@kula.brecho\) | perfil do Instagram](#)

O segundo ponto interessante foi notar como o ato de gostar de garimpar para si foi o que fez com que o desejo de ter um brechó aumentasse, ela fala com entusiasmo como a sua parte favorita do trabalho de ter um brechó é a ação de garimpar. Para você que está lento pode soar estranho já que garimpar conforme o dicionário Dicio significa: no Brasil - Exercer o ofício de garimpeiro ou no figurado explorar preciosidades, sem contar todo o contexto histórico no país com relação a essa palavra e ofício. Então o que seria garimpar roupas num brechó como o da Trindade, por exemplo? Em resumo, é justamente uma busca por preciosidades ou tesouros. Quando você começa a frequentar espaços ou conhecer pessoas que estão nesse universo, a palavra Garimpar vai aparecer inúmeras vezes. Dito isso, garimpar no contexto da circulação de roupas usadas é o ato da busca, da procura por roupas raras, vintage ou roupas, com a possibilidade de serem vendidas novamente por um preço maior que dos brechós como os da Trindade, por exemplo.



Figura 18 e 19 - Brechó Kula no Instagram<sup>20</sup>



(Fonte: Print do Instagram Kula Brechó)

Então refletindo sobre o prazer de garimpar - o prêmio que é ter a capacidade de ir a um espaço que nem todos conseguem enxergar potencial, mas a pessoa que compra nesses lugares encontra. Seria então a roupa descartada uma mercadoria alienada - que está envolta num sistema de "caça" e por fim um troféu? Mesmo que essa mesma peça seja vendida depois?

E numa tentativa de responder a essas duas questões, o Brechó Especial descrito no capítulo anterior é um ótimo exemplo para pensarmos o garimpo para si ou para os outros. Enquanto Dona A. me contava como funcionava a dinâmica da triagem, fez dois comentários sobre duas cenas que havia presenciado naquela manhã e me contava com uma expressão de choque que as pessoas entraram aos montes e uma mulher especificamente lhe chamou atenção

<sup>20</sup> As duas figuras escolhidas são exemplo ideias desses tesouros, já que as peças de roupas possuem CGC na etiqueta, de acordo com o que aparece no próprio perfil do Kula brechó é uma sigla criada em 1964 que foi alterada para CNPJ em 1998. Sendo assim uma peça que possui essa sigla na etiqueta significa que ela tem no mínimo 23 anos. O CGC é uma das marcas para classificar se uma peça de roupa usada é vintage ou não.

“Ela foi colocando tudo numa sacola, nem olhava o que era, só ia colocando, colocando, aí uma das voluntárias até perguntou para ela também se ela ia levar tudo. Ela falou assim, ‘eu vou’. As pessoas nem olham as coisas, só colocam nas sacolas (...)”

E depois em outro momento comentou como tem muitas pessoas que vão nesse brechó especial justamente para comprar e depois revender.

“Eu vi que tinha uma aqui no brechó falando para outra "será que consigo revender por 99 reais ou 109?" Elas compram para revender e elas levam muitas coisas, daí são sacolas e sacolas.”

Se refletirmos sobre esse processo do Brechó Especial e as roupas que AL. garimpa nesses espaços para revender na feirinha, o momento da triagem para esse evento é um momento também de garimpo, assim como o próprio processo de garimpar comentado por AL. Ainda mais se pensarmos que são peças mais selecionadas - selecionadas no sentido de não haver tantas avarias, serem de marcas conhecidas, estarem em bom estado, serem antigas - que as que ficam expostas no dia a dia a valores menores. O que é possível articular novamente com os cogumelos Matsutake no Oregon que se tornam troféus de caça ao invés de mercadorias para os catadores, tornando-se parte desses, mesmo que o objetivo no final seja a venda (Tsing, 2022, p.191). E como já mencionei anteriormente já sabemos em que momento esse cogumelo passa a ser uma mercadoria novamente. Assim também enxergo a ação de garimpar, na procura por um tesouro essas peças se tornam troféus de caça para depois serem vendidas ou serem usadas para consumo próprio.

Voltemos a AL. no final da nossa conversa me ofereci para ajudá-la a guardar as peças e ela disse que não era necessário. Enquanto falava retirava as peças de roupas da arara com uma habilidade e rapidez de quem já havia realizado essa tarefa muitas vezes. Coloca tudo na mala cinza. Desmontar a arara. Fecha a mala, se despede de mim e segue seu caminho.

**Figura 20 e 21 - Brechó Kula - Trindade, Florianópolis (SC)**



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

Ainda nesse dia conheci Cl. , um homem um pouco mais alto que eu, negro, com uma camiseta preta escrita museo - UFSC, que estava cuidando do brechó do curso de Museologia, que me contou que normalmente as peças eram doações dos próprios alunos do curso e nesse caminho a mãe dele transformava algumas peças em outras coisas como bolsas. Ao lado havia outras roupas expostas no chão com uma placa que dizia “faça seu preço” (colocar foto desse dia aqui) e achei curioso. Então fui conversar com a mulher que estava cuidando e perguntei como funcionava. Foi então que ela pegou uma blusa preta do chão e perguntou “quanto você pagaria nessa peça de roupa?”. Respondi meio desconfortável - “dez reais” e ela “então ela é sua por esse valor”. Foi então que perguntei seu nome, me respondeu. Kt. é uma mulher, de cabelos escuros cacheados que estavam amarrados num coque, estava usando uma regata branca, calça jeans clara e sapatilhas - depois disso explicou o porquê da placa. Me contou, que aquelas peças de roupas havia ganho de doações e também tinha algumas que eram dela e como já havia ganhado, lavado e levado até a feira, achava justo as pessoas darem o preço. Por fim falou que aquele dinheiro seria para pagar o seu aluguel.

**Figura 22 - Brechó da Kt - Trindade, Florianópolis (SC)**



(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)

E logo depois paramos<sup>21</sup> em outro brechó que tinha uma moça, cabelos amarrados, com uma bolsa transversal, muito simpática. Enquanto minha amiga comprava, iniciei uma conversa com ela perguntando normalmente onde consegue as peças para vender em seu brechó. Disse que ao redor da UFSC é muito difícil, mas que costuma garimpar em entidades de caridade e igrejas. Em poucos minutos me contou sua história, disse que não é daqui e que encontrou no brechó uma forma de renda. É o que lhe sustenta hoje. Já que trabalhava de babá e empregada doméstica até descobrir que estava grávida e sua ex -chefe decidir não lhe pagar mais nada durante a pandemia. Falou que tudo começou com roupas de criança. Na verdade, tudo começou quando ela estava desesperada e uma senhora de uma igreja lhe deu dois sacos de roupas infantis para o seu filho que iria nascer (nesse momento ela contava com emoção no olhar) - estávamos as duas em pé - e assim o brechó dela começou com roupas infantis e masculinas. Depois ela foi expandindo para o que tem hoje. Concluiu contando que também recebe doações para vender, só que escolhe sempre doar para quem precisa porque ela já foi uma pessoa que precisou.

---

<sup>21</sup> A maioria dos campos feitos na feirinha acabei fazendo acompanhada por algumas amigas e amigos já que muitas delas acabavam comprando roupas ali.

**Figura 23 - Brechó Campeche - Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Acervo Pessoal da Autora)**

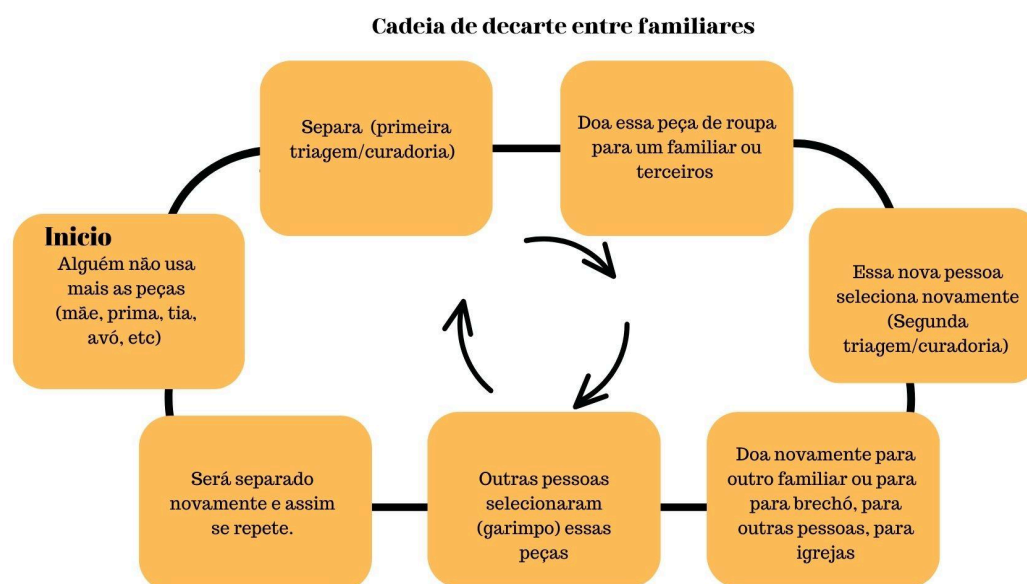
### 3.2 O descarte - Cadeias de descarte

Após passar por tantos lugares observando e participando de tantos movimentos possíveis de observar como esse objeto - roupa usada- circula na cidade, criando essa dinâmica de relação através das trocas, doações e vendas dessas peças. Elaborei dois diagramas para demonstrar visualmente todas as práticas e ordem que foram descritas anteriormente. No capítulo um foi mostrado a cadeia de descarte de uma maneira inicial, antes de obter mais detalhes do campo.

E para explicar essa primeira cadeia de descarte volto-me novamente para minha família, pensando quando meu campo é atravessado pelo falecimento da minha avó. Achei importante ilustrar os dois exemplos, o pensado a partir de uma morte e o que comumente

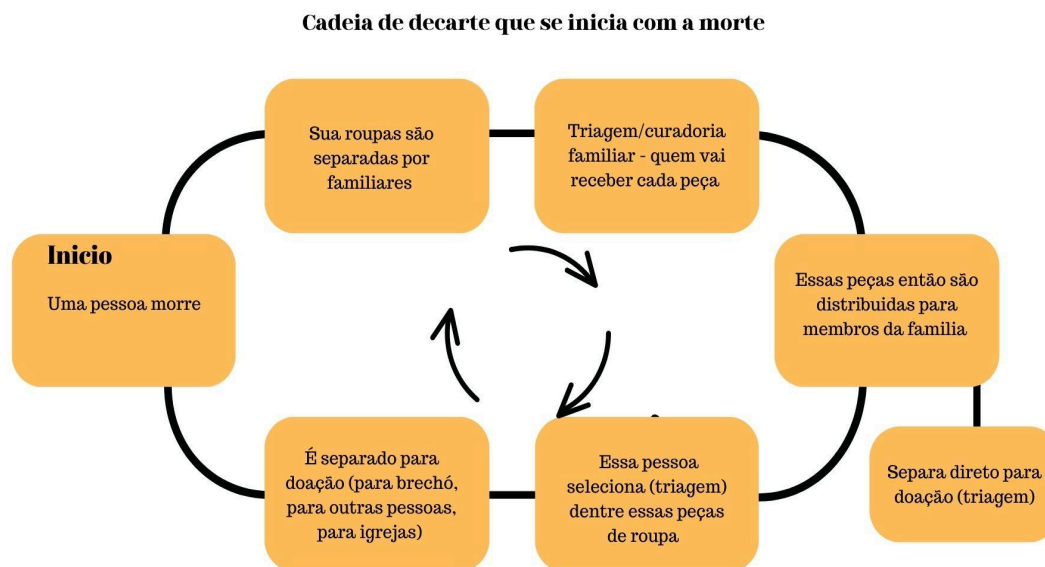
acontece entre familiares que doam ou recebem peças doadas de familiares, ou conhecidos. Podemos observar que o ato de descartar e doar andam juntos, porque neste contexto não há a possibilidade de doar sem a intenção do descartar. Agora se invertemos, ao pensarmos primeiro no descarte temos outras opções que se ligam a essa ação, sem contar que pelos relatos que obtive o descarte envolve especificamente jogar essa peça de roupa usada no lixo. Sendo assim temos a cadeia de descarte entre familiares pensadas a partir ou não de uma morte.

**Figura 24 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Elaborado pela Autora)**

Figura 25 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)

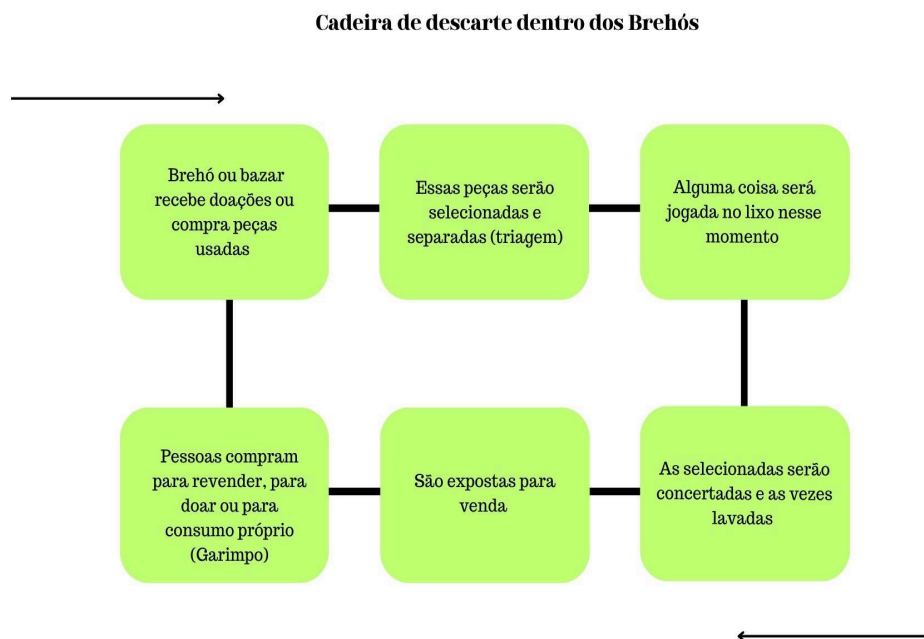


(Fonte: Elaborado pela Autora)

Aqui é possível observar todas as categorias demonstradas ao longo dos capítulos, troca, triagem, curadoria, doação, ao mesmo tempo, em que o objeto está sendo circulado ele também movimentava as relações entre esses mesmos familiares, conhecidos e desconhecidos. Denominei familiares porque foi a observação que presenciei, mas podemos pensar no bazar das amigas aqui, por exemplo.

A segunda cadeia de descarte que elaborei foi pensada e organizada também com base nos relatos e observações realizados tanto no brechó da Igrejinha quanto nos da feirinha.

**Figura 26 - Cadeia de descarte entre familiares - Trindade, Florianópolis (SC)**



**(Fonte: Elaborado pela Autora)**

Em resumo essa roupa chega no brechó ou bazar por meio de doações de terceiros, a partir daí temos a seleção dessas peças para venda, para doação ou lixo. As selecionadas, algumas, passaram por pequenos concertos ou às vezes são lavadas (não é o caso do brechó da igreja, mas é o caso do Baú de luxo, por exemplo). Nesse momento aconteceu o que chamei de curadoria ou triagem. Para depois serem expostas para a venda e assim as pessoas compram para revender, para doar ou para consumo próprio. Sendo assim, cheguei a conclusão que a ação de descartar é exercida em todos os contextos e etapas das cadeias de doação ou trocas de roupas apresentadas anteriormente.



## CONCLUSÃO

No livro Teorias antropológicas e objetos materiais, Gonçalves (2007) vai nos dizer que “Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos” (p.15). Ou seja, ao acompanhar o que acontece com uma *roupa usada*, que passa pelo processo de descarte, foi possível observar a dinâmica da vida social e cultural desse objeto - como também o movimento de um mercado de troca em Florianópolis - algo que tem seus efeitos na subjetividade individual e coletiva.

Sendo assim, quando pensamos na pergunta a que orientou esta pesquisa: como uma roupa usada cria relações entre sujeitos(e) numa cidade? A resposta que encontrei foi que nesse caminho a magia está presente nas relações e trocas. Está em todas as práticas, visível, como um rastro, uma cicatriz, acompanhando essa roupa circulando e movimentando. A *roupa usada* se mostrou simbólica e material ao mesmo tempo. A partir disso pude falar das relações, já que quando falamos de dádiva estamos justamente falando sobre relação e ela mostrou-se quase sempre presente em todo o processo. Entendendo que apesar da dádiva valorizar mais a relação em si que o objeto, no processo esse objeto se torna valorizado também, adquirindo assim o “MANA” ou um novo valor simbólico e por isso uma vez que você está envolvido está participando da cadeia de trocas.

Foi isso que tentei mostrar nas últimas páginas, essa mágica, que em algum nível está presente nas roupas da minha avó, nas doações para o brechó da Igrejinha, seja na doação das roupas que passarão por triagem ou curadoria, seja no trabalho voluntário de organização do brechó e também na realização da triagem, seja na compra mesmo para ajudar no aluguel de alguém, ou ainda comprar e vender roupas usadas todo esse movimento demonstrou criar novos laços sociais.

Concluo que ao encontrar a dádiva encontrei o simbólico e a partir deles pude falar e

pensar as relações construídas no caminho. Como o bazar entre amigas, no qual as pessoas levam coisas para comer e roupas usadas para trocar; no brechó da Igrejinha, a relação construídas entre as voluntárias e os aprendizados das práticas como realizar a triagem de uma peça de roupa, como também o fato de transformarem algo que alguém não quer mais em dinheiro para projetos sociais ou ainda a Feirinha que junta diferentes contextos e histórias, circulando objetos e relações. Por fim, pensar na roupa *usada* e como ela criaria relações fez com que concluísse que essa roupa não é só ornamento ou proteção - isso ou aquilo, ela é tudo ao mesmo tempo. É um objeto que cria relações e em certa medida dá sentido para elas.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, A. (org). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BITTENCOURT, Valentina Leyser. *O Consumo de Roupas de Brechó: um olhar antropológico*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. [S. l.: s. n.], 1989. cap. 1, p. 13-41

GOLDENBERG, Mirian. Entrevistas e Questionários. In: \_\_\_\_\_. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. São Paulo: Record, 2004.

GROSSI, Miriam et alli (org) *Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade*, Florianópolis/Tubarão, Editora Tribo da Ilha/Copiart, 2018. Ler Introdução e capítulo Miriam Grossi - Na busca de outro encontra-se a si mesmo.

Hammersley, M. y Atkinson, P. (1994) Cap. 2 El diseño de investigación. Problemas, casos, muestras. *Etnografía. Métodos de investigación*. Barcelona: Paidós. 41-67. En: <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-nacional-de-cordoba/investigacion-educativa/hammersley-y-atkinson-cap-2/9799319>

KAUFFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva*, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013, p. 78-116.

KOPYTOFF, Igor. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: APPADURAI, ARJUN. *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2008.

MALINOWSKI, Bronisław. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1976. p. 17-37

\_\_\_\_\_. Capítulo III: As características essenciais do Kula. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1976. p. 71-86

MAUSS, Marcel; Ensaio sobre a dádiva - forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: UBU, 2017

MIZRAHI, Mylene. O Funk, a Roupa e o Corpo: Caminhos para uma Abordagem Antropológica da Moda, *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 8, No 1 | 2019, posto online no dia 01 abril 2019, consultado o 05 de julho de 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/2079>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.2079>

OLIVEIRA, R. C. de. (1996). O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

QUEIROZ, M.I. Técnica de gravador e registro da informação viva. In: Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva. *Coleção Textos 4*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1991. pp: 73-80

SANTOS, Carolina Junqueira dos. 2020. “Corpo, Lacuna, traço”. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 5 (1). São Paulo, Brasil. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.172250>.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.15,n.32, jul/dec., 2009

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. ZAHAR, 2010.

SABOURIN, E.. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 131–138, fev. 2008.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N1-, Martins Fontes, 2022.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

WHYTE, William Foote. *Treino em observação participante*. In: *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 301-309.